



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**ALINE SILVA E SILVA**

**TÁTICAS DE CONCILIAÇÃO: TRABALHO E EDUCAÇÃO, A PARTIR DE**  
**MULHERES JOVENS, ESTUDANTES E AGRICULTORAS DO ASSENTAMENTO**  
**PALMARES II**

**MARABÁ – PA**

**2019**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**ALINE SILVA E SILVA**

**TÁTICAS DE CONCILIAÇÃO: TRABALHO E EDUCAÇÃO, A PARTIR DE**  
**MULHERES JOVENS, ESTUDANTES E AGRICULTORAS DO ASSENTAMENTO**  
**PALMARES II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Campus de Marabá, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Agrárias e da Natureza.

Orientador: Prof. Doutor Hiran de Moura Possas

MARABÁ – PA

2019

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Biblioteca  
Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa**

---

Silva, Aline Silva e

Táticas de conciliação: trabalho e educação, a partir de mulheres jovens, estudantes e agricultoras do Assentamento Palmares II / Aline Silva e Silva ; orientador, Hiran de Moura Possas. — Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Trabalhadoras rurais - Aspectos sociais - Parauapebas (PA). 2. História oral - Parauapebas (PA). 3. Assentamentos humanos. 4. Agricultura familiar. I. Possas, Hiran de Moura, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 305.4363



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**ALINE SILVA E SILVA**

**TÁTICAS DE CONCILIAÇÃO: TRABALHO E EDUCAÇÃO, A PARTIR DE**  
**MULHERES JOVENS, ESTUDANTES E AGRICULTORAS DO ASSENTAMENTO**  
**PALMARES II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Campus de Marabá, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Agrárias e da Natureza.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Doutor Hiran de Moura Possas

**Defesa pública em 29 de agosto de 2019**

Banca Examinadora

**Conceito: Excelente**

Prof<sup>o</sup>. Dr. Hiran de Moura Possas  
UNIFESSPA (Orientador)

Prof<sup>o</sup>. Msc. Amintas Lopes dos Santos Júnior  
UNIFESSPA (Examinador)

Prf<sup>a</sup>. Esp. Clívia Regina da Silva Uhe  
Escola Crescendo na Prática (Examinadora)

## **DEDICATÓRIA**

*A minha tão especial mãe Rosângila, que por muitas noites rezou para que eu pudesse concluir o curso com sucesso e com seriedade, dedicando-lhe inteiramente as suas filhas.*

*Carinhosamente ao meu pai Antônio Domingos, que tanto acreditou na minha capacidade e se esforçou para dar o melhor as suas filhas, deixando-as livres para escolher o que queres seguir.*

*As minhas irmãs Verônica e Renata, que sempre esperaram por mim ao chegar em casa, entendendo que era necessário à minha saída, mesmo precisando de uma irmã/amiga para conversar, que tanto me ajudarem em pequenas coisas para que eu pudesse construir este trabalho.*

*A Carla Simone, uma grande amiga, minha primeira professora, me ajudou desde o início do curso, com palavras de incentivo e ousadia, e a sua mãe minha madrinha Geny, que me ensinou tantas coisas através de suas histórias de mãe, agricultora e mulher guerreira.*

*Ao meu querido orientador Hiran Possas, que me ouviu e se dedicou junto a mim, para que fosse possível realizar esse sonho.*

*A todos os Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, especial aqueles que já se foram, que tanto lutaram por uma educação de qualidade, para que seus filhos pudessem ter seus direitos a educação garantido.*

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada por mim, entretanto com ajuda de muitos para que eu pudesse chegar até aqui, ajuda de companheiras e companheiros que tanto diretamente, como indiretamente estiveram comigo durante estes anos do curso, tanto na entrada e permanência no curso, como na conclusão deste.

Agradeço ao meu orientador que me ajudou na construção deste trabalho, que procurou entender a linha de pesquisa que eu queria seguir. A FECAMPO por dialogar com os discentes do curso para além de professor e aluno.

Agradeço de forma tão especial a CPP pela a formação política, pedagógica e cultural na vivência da coletividade do espaço Cabanagem. Como também militantes do MST que estavam envolvidos diretamente no espaço nos orientando.

Ao MST, que lutou com tantas pessoas por uma educação do e no campo, que lutou com outras organizações para a criação deste curso.

Ao meu Assentamento Palmares II, minha principal fonte de pesquisa desde a entrada no curso, podendo conhecer tantas histórias, a partir de outros olhares, e agora me inspirado a trabalhar com filhas de assentados, deixando-me relatar suas táticas para a conciliação de tantas tarefas.

A minha tão sincera gratidão a meus familiares, que me apoiaram para hoje estar aqui, entendendo que tantas vezes era preciso estar fora de casa para a realização do curso e deste trabalho final.

A Deus por ter me dado forças em tantos momentos na vida acadêmica, pois a saúde espiritual é necessária em momentos de desgaste físico e psicológico. Aos amigos da Comunidade Católica São João Batista pelas as orações para que estivesse um bom estudo.

Agradeço carinhosamente a todos os meus amigos em especial aqueles que estiveram comigo desde o início do curso, que me auxiliaram a qual caminho seguir nos momentos de dúvidas. Ao Rodrigues por ter me presenteado com a sua atenção me ajudando a persistir diante de grandes dificuldades.

A Clívia, pelo o seu empenho, disponibilidade de leitura e orientação deste trabalho e de tantos outros.

“A forma suave da mais pura rebeldia

traduz os traços deste

Ser mulher.

Desmedidamente ousada,

Inconfundivelmente capaz.

Transpira coragem,

Inspira unidade

Conspira coletivamente a construção de caminhos

Que rompem com a acomodação cotidiana.”

**Aromas de Março**

*Diva Lopes*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Principal rua do acampamento Vila da Barata.....	22
<b>Figura 2:</b> Momento de Animação no Prolongado no Assentamento Vila Diamante.....	25
<b>Figura 03</b> Mapa de localização do Assentamento Palmares II.....	27
<b>Figura 4:</b> Greve de Fome em frente ao INCRA.....	28
<b>Figura 5:</b> Escola Crescendo na Prática já no Assentamento Palmares II.....	33
<b>Figura 6:</b> Jardim da Escola Crescendo na Prática.....	36
<b>Figura 7:</b> Frente da Escola Crescendo na Prática.....	36
<b>Figura 8:</b> Mulheres do Assentamento Palmares II no caminhão da comunidade.....	43
<b>Figura 9:</b> Vanessa na Feira do Produtor de Parauapebas.....	50
<b>Figura 10:</b> Elyelma na sua banca da Feira Livre de Palmares II.....	63
<b>Figura 11:</b> Plantação de vinagreira no lote da família da Vanessa.....	66
<b>Figura 12:</b> Feira Livre de Palmares II – Entrada da Feira.....	68
<b>Figura 13:</b> Feira Livre de Palmares II - Comunidade reunida para inauguração.....	68



## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>10</b>
<b>“RUMO A PALMARES DAS MULHERES QUE LUTAM”</b> .....	<b>11</b>
<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>13</b>
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>13</b>
<b>1. HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO PALMARES II: PROCESSO DE LUTA POR TERRA E EDUCAÇÃO</b> .....	<b>15</b>
1.1 De Acampamento a Assentamento .....	15
1.2 Histórico da Escola Crescendo na Prática.....	31
<b>2. MULHERES NA LINHA DE FRENTE</b> .....	<b>40</b>
2.1 A luta pela terra.....	40
2.2 O tempo, as auto-organizações e a solidariedade como Táticas.....	44
<b>Vanessa Gonçalves: Da terra à territorialidade</b> .....	<b>45</b>
<b>Rutieli dos Santos: Reforma agrária e vivências com o MST</b> .....	<b>51</b>
<b>Elyelma da Conceição: Uma história corrida, na luta, brincando, defendendo sua bandeira</b> .....	<b>59</b>
2.3 Principais temáticas encontradas nas entrevistas.....	64
2.3.1 O trabalho na roça.....	65
2.3.2 A importância da farinha e feira para produção e comercialização dos alimentos.....	66
2.3.3 O trabalho na ótica da juventude.....	69
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>77</b>

## RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida no Assentamento Palmares II, localizado no município de Parauapebas-PA, busca fazer um exercício de análises das narrativas de mulheres jovens, estudantes e agricultoras. Entende-se que na comunidade as mulheres sempre estiveram presentes na atuação de frentes organizativas no assentamento e de diversas formas, sejam elas na coordenação de igrejas, professoras, diretoras ou dirigentes, a tal modo que nas atribuições de agricultoras não seria diferente, estando responsáveis pela produção e comercialização. Muitas jovens começaram a desempenhar os trabalhos na roça juntamente com seus pais muito cedo. Principalmente nas localidades que já são projetos de assentamentos, por motivos que queremos desvelar, algumas famílias insistem que essas mulheres jovens privilegiem apenas as atividades de estudos em detrimento do labor da terra. Percebe-se, porém que algumas dessas jovens fazem a opção por trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Partindo dessas observações iniciais, o trabalho busca analisar as táticas dessas mulheres jovens estudantes e agricultoras, de como conciliam o labor da terra aos seus estudos. Ressaltamos como resultados esperados as diversas formas de táticas utilizada pelas as mulheres jovens em questão, como forma de não se desligar do trabalho ou do estudo, e até mesmo de outras atividades desenvolvidas por elas, acrescentando que a revelação desta pesquisa induzirá outras mulheres a pensarem nessa mesma perspectivas, sendo ela mãe, mulher, filha, companheira, militante. Acreditando que esta pesquisa mostrará a sociedade de outras formas de organização da mulher, principalmente dentro do Assentamento Palmares II.

**Palavras – chaves:** Mulheres; Táticas; Agricultura Familiar; Educação do Campo.

## **“RUMO A PALMARES DAS MULHERES QUE LUTAM”**

A pesquisa final é uma continuação do processo de trabalhos desenvolvidos nos tempos-comunidade do curso de Licenciatura em Educação do Campo, realizados no Assentamento Palmares II, antiga Fazenda Rio Branco, ocupada no ano de 1994. A mesma fica localizada a 22 Km da cidade de Parauapebas/PA, com 517 famílias cadastradas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

O primeiro capítulo trará informações sobre como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), se consolida no Brasil, tendo como o início dessa Organização no Sul do país, com as forças dos aliados na época e que seguem junto até hoje, como é o caso da Comissão Pastoral da Terra, a CPT. Discutiremos aqui com o autor Mitsue Morissawa, fazendo esse trajeto e percurso histórico da organização deste Movimento, procurando entender o porquê da necessidade da criação deste Movimento no Brasil, para aqueles que precisam.

É importante ressaltar que trataremos de um movimento a qual os sujeitos passam da condição de trabalhadores sem organicidade para trabalhadores com identidade e organização, a qual todos lutam pelo mesmo ideal da luta por terra e por seus direitos. Essa “identidade construída com autonomia” como afirma Caldart (2004, p.20). A qual a organização se dá pela a identidade coletiva das famílias, que buscam por terra, feito isso, passam a ser famílias Sem Terra, que buscam sua autonomia na luta por direitos.

Para falarmos sobre como o MST se consolida no estado do Pará, dialogaremos ainda com Mitsue Morissawa, mas também com André Rocha, autor do livro “O MST e a Luta Pela Terra no Pará”, trazendo um pouco sobre o processo histórico do Movimento, principalmente na região do sul e sudeste do Pará. E para tratarmos diretamente sobre o Assentamento Palmares II, utilizaremos não só autores como Gláucia Moreno, Maria Ferraz, mas, narrativas de sujeitos que fizeram e fazem parte deste processo desde o início das mobilizações, relatando o caminho que estes percorreram para chegar no local onde hoje se situa o Assentamento Palmares. Conversaremos ainda, com Bernardo Fernandes que enfatizará sobre a importância dos acampamentos nos espaços e áreas que o MST está organizado, pois é nesse espaço onde se discutem as principais decisões das famílias, como por exemplo o nome que o acampamento terá, as estratégias de lutas e entre outras.

No segundo momento deste primeiro capítulo, falaremos sobre o histórico da educação no assentamento, sendo que o mesmo vem sendo desenvolvido desde o acampamento em frente

ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Superintendência Regional do Sul do Pará) com a preocupação desde o início do diálogo entre a educação e a realidade do povo Sem Terra, tratando o trabalho no campo como um princípio educativo na formação destes sujeitos moradores de Palmares II. Enfatizo ainda, que a educação que falaremos aqui não é somente aquela exercida pelo setor da educação do MST, mas sim no modo geral. E para entendermos melhor sobre o modelo de educação que a escola propõe, vamos dialogar com as narrativas e autores como Pistrak, e Caldart relacionando o trabalho como princípio educativo.

Portanto, neste capítulo muito se falará das conquistas, a partir das lutas travadas pelos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, processo que só foi possível com a união, mobilizações e estratégias de luta dessas famílias, se esforçando e lutando pela garantia dos seus direitos, por um pedaço de chão para produção de seus alimentos, um local para viver, fortalecendo projeções futuras para a família.

No segundo capítulo, trataremos sobre como as mulheres sempre estiveram presentes na atuação de frentes organizativas na comunidade e de diversas formas, mulheres que atuaram diretamente na linha de frente como em coordenação de igrejas, professoras, diretoras, até nas atribuições de dirigentes. E no processo que envolve a agricultura isso não seria diferente. Desde as plantações de roças, a colheita, até a vendas dos alimentos produzidos em seu lote em feiras e até mesmo em suas residências. É importante ressaltar que o procedimento da plantação até as vendas não se enquadra no método capitalista do lucro, mas sim de sustento.

Muitas mulheres do Assentamento Palmares II além de trabalharem na agricultura elas também estudam. Por isso, o foco desta pesquisa é trabalhar com a categoria de análise e complexa, problematizando a vida de mulheres que são jovens, estudantes e ao mesmo tempo agricultoras que conciliam o trabalho na agricultura com os estudos.

Para fazer uma tentativa de análises, das táticas das jovens que falaremos em questão, buscamos entrevistá-las, como principal fonte de análises. Narrativas estas, que vão relatando sua história de vida, especialmente no que diz respeito ao trabalho e estudo. Ao longo de suas rotinas diárias, as jovens vão se auto organizando da melhor forma possível para a conciliação do trabalho e estudo. Portanto, é de suma importância também, que a educação concilie seu currículo com a realidade destas e de tantos outros, trazendo a importância e a valorização do trabalho no campo.

E por fim, faremos uma análise sobre o trabalho na roça; as três mulheres jovens iniciam o seu processo do trabalho na agricultura juntamente com a família, trataremos também sobre

a importância da feira e farinheira para além da comercialização e produção de alimentos, mas de socialização e troca de experiências. E por último, mas não menos importante, conversaremos sobre o trabalho na ótica da juventude, sobre como muitos jovens conseguem visualizar o que seja o trabalho.

Para as três temáticas teremos um diálogo com Caldart sobre o trabalho e agroecologia nas escolas do campo; Pistrak especificadamente com o seu livro Fundamentos da Escola do Trabalho; Elisa Guaraná sobre a juventude do campo e dialogaremos como as próprias narrativas das jovens em questão.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

Analisar a partir da situação problema, táticas de conciliação de trabalho e estudo de mulheres jovens estudantes e agricultoras do Assentamento Palmares II.

### **Objetivo específicos**

- ✓ Elencar uma quantidade de mulheres jovens, estudantes e agricultoras, para realização de entrevistas.
- ✓ Decantar categorias de análises dessas narrativas
- ✓ Descrever e analisar táticas de conciliação do trabalho e estudo dessas mulheres jovens, estudantes e agricultoras.

## **METODOLOGIA**

O desenvolvimento do trabalho se deu a partir das narrativas, de histórias orais, onde foram realizados exercícios dialógicos e descrição das experiências das jovens mulheres. PEIRANO (2014) relata que aquilo que nos surpreende, que nos deixa inquieto faz-nos refletir e de imediato nos conecta com situações já vivenciadas. Tendo como efeito a minha inquietação para a construção deste trabalho.

Foi realizado entrevistas livres a partir de uma sequência envolvendo: história de vida, luta pela terra e conciliação de trabalho com o estudo das mulheres em questão, além de outros temas recorrentes que apareceram nas narrativas como por exemplo a migração, um fator muito forte nas narrativas. Nesse exercício de pesquisa, as narrativas restringem-se à somente

mulheres do Assentamento Palmares para dialogar com a historicidade do assentamento, entre elas, três jovens de 15 a 29 anos para falar do tema da pesquisa em si, estudantes e trabalhadoras do assentamento. Instrumentos que nos possibilitaram acesso as informações a serem analisadas com a tentativa também, de conciliação de transcrições com análises interpretativas destas experiências.

Como embasamento teórico, utilizamos: MORENO (2011), MORISSAWA (2001), CALDART (2004, 2012, 2017), PEREIRA (2017), PISTRAK (2011), CERTEAU (1998) e entre outros autores e autoras, assim como recorreremos ao PORTELLI (1997), no direcionamento e o cuidado com as análises das narrativas e recorreremos também aos trabalhos anteriores de tempo-comunidade e universidade como embasamento empíricos.

# **1. HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO PALMARES II: PROCESSO DE LUTA POR TERRA E EDUCAÇÃO**

## **1.1 De Acampamento à Assentamento**

Palmares II, é um dos assentamento mais antigo do estado do Pará organizado pelo o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), um assentamento que neste ano de 2019 completa 25 anos de existência e resistência, marcada por muitas lutas, conquistas e perdas, perdas que só aumentaram a vontade e a necessidade destes sujeitos a lutarem por seus direitos. Principalmente pela necessidade de ter um pedaço de chão para nela produzirem seus alimentos.

Lutas travadas com grandes dificuldades e desafios devido à grande extensão de terras griladas e improdutivas no estado, a qual os grandes fazendeiros possuem influências do poder político do estado que dificultam mais ainda o processo. Mas nem por isso, os Sem Terra deixaram de resistir para a conquista da “terra prometida”. Contudo, cabe-se neste capítulo uma pequena contextualização sobre como o MST se desenvolve no Brasil, como também sua intensificação no Pará para fins de conquistar terra para aqueles que não tinham onde morar e nem como produzir seus próprios alimentos.

O Brasil sempre foi visto como mercadoria devido a grandes extensões de terras riquíssimas em fauna, flora e de recursos minerais invejáveis. Com essa situação, muitos sujeitos foram tomando posses de grandes terras, desmatando-as, visando apenas o lucro, o capital, explorando os trabalhadores e aqueles que não tinham emprego passavam por necessidades. Foi a partir desta situação e tantas outras que surge em 1984 o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, a busca de terras improdutivas para ocupar e produzir, lembrando que o MST não foi o primeiro movimento a pautar a luta pela terra e por Reforma Agrária<sup>1</sup>.

Segundo Morissawa (2001), em todo o país se faziam debates e seminários acerca da luta pela terra, foi a partir desses eventos que se resulta na realização do 1º Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, um encontro que reuniu representantes de trabalhadores rurais de 12 estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Bahia, Pará, Goiás, Rondônia, Acre e Roraima. Estavam presentes ainda os representantes da Abra (Associação Brasileira de Reforma Agrária), da CUT (Central Única

---

<sup>1</sup> O MST foi a junção de vários movimentos, posseiros que buscavam a Reforma Agrária, antes dele havia grupos organizados em busca da terra.

dos Trabalhadores), da CIMI (Comissão Indigenista Missionária) e a Pastoral Operária de São Paulo.

Este evento aconteceu na cidade de Cascavel no estado do Paraná, nos dias 20, 21 e 22 de Janeiro de 1984, no Seminário Diocesano, se dando o nascimento do MST. Segundo Morissawa (2001, p.138) as primeiras atividades do encontro foram na perspectiva de “apresentar as principais lutas desenvolvidas pelo os sem-terra e as políticas dos governos estaduais e federal quanto à questão”. Foi uma tentativa que possibilitou uma análise nas mais diversas realidades que os camponeses vivem, um processo fundamental para o encaminhando de novas lutas, agora todos os trabalhadores rurais organizados.

De acordo com Morissawa (200, p. 139):

A inclusão da expressão “trabalhadores rurais” no nome feita no sentido de deixar explícito que se trata de um movimento de agricultores, de pessoas que trabalham na agricultura. Já a expressão “sem-terra” apareceu inicialmente na Constituinte de 1946, quando se colocou em pauta pela primeira vez a necessidade de uma reforma agrária no Brasil. Depois integrou o nome do Master. Mas foi a imprensa que cunhou definitivamente essa expressão, a partir do final da década de 1970.

Percebemos o quanto se faz importante as expressões dos termos utilizados, no que diz respeito a identidade, enquanto a expressão “trabalhadores rurais” se refere em deixar claro sobre quem são esse povo organizado, a expressão “sem-terra” percebe-se que ganhou popularidade através da mídia que transmitia para sociedade sem deixar muito claro quem seriam esses “sem-terra”.

No entanto, é importante fazer uma pequena reflexão que depois foi-se fazendo uma discussão acerca dessa expressão “sem-terra”. A partir do momento em que as famílias começam a se organizar dentro do MST, há uma construção de formação de identidade social e ampla, a partir de suas próprias e diversas identidades que se combinam, como afirma Caldart (2004). Onde se fazia a junção de suas culturas tradicionais e símbolos que daria o significado para este movimento. Neste sentido não seria mais sem-terra, e sim Sem Terra, pela própria formação e construção deste sujeitos. Pois como afirma Caldart (2004, p.32 e 33):

Os sem-terra assentados podem até ser considerados uma nova forma de campesinato, como defende o pesquisador Bernardo Mançano Fernandes (1998,1999), mas jamais serão os mesmo camponeses de antes. Por isso, continuam chamando-se e sendo chamados de *Sem Terra*, e participam do MST; porque essa é a nova identidade que,



enraizada nas suas próprias tradições culturais de trabalhador da terra, recriou sua identidade porque a vinculou com uma luta social, com uma classe e com um projeto de futuro.

Fica claro, que a organização tem sua autonomia enquanto movimento, um movimento que abrangeria diversas famílias que estaria vinculando sua identidade com uma luta social e com projeções futuras, neste sentido caberia uma identidade que representaria a todos.

Contudo, aquele Movimento que nascera no sul, e um ano após o seu 1º Encontro, ele se expande para as demais regiões do país, principalmente com a realização do 1º Congresso Nacional dos Sem Terra em Curitiba, Paraná, contando com 1.600 delegados de todo o Brasil, tendo como palavra de ordem deste Congresso **“Ocupação é a única solução”**, por entenderem que a Reforma Agrária só avançaria com ocupações e luta de massas. MORISSAWA (2001).

Com a intensificação do MST se tornando um dos mais importantes movimentos sociais no Brasil foram se discutindo as diversas formas de luta, porque uma só forma não se bastava, construídas a partir dos trabalhadores: ocupação, acampamento permanente, marcha pelas rodovias, jejuns e greves de fome, ocupações em prédios públicos, acampamentos nas capitais, acampamentos diante de bancos, vigílias e manifestações nas grandes cidades. Essas foram estratégias de pressão social que culminaram em várias reivindicações.

Afim da conquista da terra e por Reforma Agrária, veio consigo muitos desafios, como a permanência das famílias em acampamentos até a conquista da terra, devido a grandes dificuldades de alimentação, a demora de respostas para a criação de assentamentos, como também os conflitos agrários que acontecia com frequência causando mortes de trabalhadores rurais, principalmente no norte do país, no Pará.

De acordo com os Cadernos de Conflitos no Campo, nos últimos 10 anos, 692 pessoas foram ameaçadas de morte no estado do Pará. A maioria absoluta dessas ameaças ocorreu no sul e sudeste do estado. Esse número, embora alto, não representa a totalidade das pessoas vítimas desse tipo de violência no campo. Muitos casos não são registrados porque as vítimas se encontram em municípios isolados ou em regiões que não tem a presença da CPT ou de outras entidades de defesa dos direitos humanos que possa proceder o registro das ameaças. (CPT, PARÁ/BRASIL, 2012).

Percebe-se que a violência no campo se agrava mais em espaços que a CPT (Comissão Pastoral da Terra) não atua, assim também como em espaços onde MST não está organizado,

que conseqüentemente não haveria a divulgação de assassinatos envolvendo os trabalhadores rurais em conflitos com pistoleiros a mando de fazendeiros e até mesmo a polícia.

É importante enfatizar que a CPT foi e continua sendo uma das instituições que está fortemente junto com o MST e a outros movimentos sociais que lutam pela terra. No livro “A História da Luta Pela Terra e o MST”, Morissawa (2001) enfatiza que a Comissão Pastoral da Terra, surge em 1975, se fazendo parte da Igreja Católica. Na época, se juntaram com as paróquias das periferias da cidade e com as comunidades rurais para dar assistências aos camponeses que passavam por necessidade, especialmente porque era a época da ditadura militar.

Segundo Morissawa (2001) a CPT inicialmente atuou apenas no Norte e Centro-Oeste do país, que se voltava a ajudar na luta dos posseiros, após um certo período começava-se o surgimento de conflitos pela a terra em todo o país, se tornando uma instituição a nível nacional. Lembrando que a atuação da CPT nas lutas do Sul do país foi se dando a origem do MST.

O período de maior ocupação e migração na região Sul e Sudeste do Pará, se deu em meados dos anos 80, devido a grandes atividades desenvolvidas no estado do Pará: implementação do Projeto Ferro Carajás, a construção da Estrada de Ferro Carajás no município de Parauapebas, a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, e o garimpo de Serra Pelada, localizada no Município de Curionópolis, a qual foi o principal motivo da vinda de muitos sujeitos de diversos estados para esta região, especialmente do nordeste brasileiro.

As articulações para a organização do MST no Pará se iniciam no final da década de 80 para 90, com apoio de militantes dos estados em que o MST já estava consolidado, como o Maranhão e Piauí. Com a grande quantidade de pessoas na região e sem muitas perspectivas de trabalho, muitos sujeitos sendo vítimas do trabalho escravo e diversas extensões de terras griladas, os trabalhadores juntamente com os posseiros decidem se unir para ter terra e nela poder trabalhar/cultivar, e criarem seus filhos, então decidem entrar no MST. A primeira ocupação do MST no Pará, ocorre em Conceição do Araguaia, em 1990, entretanto, só conseguem a desapropriação da área três anos depois, que por sua vez passaram por algumas frustrações até a desapropriação. Rocha (2015) relata que em 1992, o MST consegue se rearticular no estado com ajuda de militantes do estado do Maranhão. E neste mesmo ano, cerca de 500 famílias ocuparam uma parte da antiga fazenda Rio Branco, que por sua vez se denominou como Assentamento Rio Branco, fazendo parte do município de Marabá, mas com proximidade da cidade de Parauapebas. Esta ocupação foi a primeira a ser consolidada do MST no estado, principalmente relacionado a organização.

Em 1994 surge a ideia de uma nova ocupação, também ligada ao MST e na região de Parauapebas, a qual se daria o Projeto de Assentamento Palmares. Muitas pessoas que hoje vivem no assentamento entraram na organização do MST após o fechamento do garimpo da Serra Pelada, vieram de outros estados, principalmente do Maranhão e muitos souberam através de amigos e parentes, como afirma uma moradora da comunidade:

Eu conheci o movimento através do seu Samuel, amigo do Nonato. Que eles moravam lá em Chapadinha (Maranhão) né? Aí eles se reencontraram, levou o seu Samuel lá pra casa, aí ficou muito, ele começou a frequentar a nossa casa. Aí pelo o fato de estarem passando por muita necessidade, que ele já tinha entrado no acampamento primeiro que a gente né? A gente começou a ajudar eles com alimento e roupa. Aí a esposa do seu Samuel tava muito doente na época, ela tava praticamente morrendo, tava quase sem condições de se tratar né? Aí eu ajudei ela a ir em Teresina (Piauí) pra fazer operação, eu não sei de quê que era doença dela, mas aí ela se tratou e eu ajudei ela a ir pra Teresina e graças a Deus ela escapou né? Aí assim, o seu Samuel ficou muito família, e através do seu Samuel, ele conseguiu um cadastro pra nós. (FERRAZ, 2019)

Foi através deste processo de formiguinha de comunicar e convidar um ao outro sobre a organização e articulação do MST, com trabalhos de base e reuniões, que cerca de dois mil e quinhentas famílias (2500), no dia 26 de Junho de 1994, ocuparam uma área denominada como “Cinturão Verde”<sup>2</sup>, área da Companhia Vale do Rio Doce que até então era uma estatal, e que por consequência houve uma ordem judicial para que as famílias que ali estavam desocupasse a área. “Nesta área de preservação ambiental da CVRD foram erguidos barracos cobertos com lona preta, mas em poucos dias estes foram destruídos”, (MORENO, 2010, p.82).

As famílias que sofrem o seu primeiro despejo acabam tendo um impacto muito forte se deparando com violência moral e física, desacreditando dos seus direitos que devem ser garantidos pelo próprio Estado, que por sua vez é o primeiro a violentar os direitos destes sujeitos. O direito a terra sempre é muito distante, exatamente pela a repressão do latifúndio, do estado, começando pela a sua própria vivência cultural.

Após a saída dos acampados da área da CVRD, foram até um local chamado Terra Seca, que se localizava onde hoje é a Loja Morenta como afirma a entrevista de M. Ferraz, (2019).

---

<sup>2</sup> Essa área foi denominada como Cinturão Verde, devido a extensão de área como reserva ambiental.

Lá chamava Terra Seca. Lá era uma área que era muito seca, aí no verão a terra assim, ficava cheio de quadrinho que rachava né. Nesse mesmo dia foi ocupada a portaria da Vale do Rio Doce. E nessa época tinha um deputado Babá<sup>3</sup> de Marabá que ele ajudava muito. E o Babá apanhou muito nesse dia lá na portaria né? E aí foi ocupado onde hoje é o Banco do Brasil, onde é a antiga câmara velha né? ocupado tudo ali na frente, na época era tudo acampamento. E de lá foi ocupada a Prefeitura também.

Os acampados passaram por alguns locais dentro da cidade de Parauapebas, que por sua vez eram vistos como imoral por uma parte da população, sofrendo tipos de preconceitos e discriminações, mas outros apoiavam as suas ações e reivindicações como é o caso de entidades sociais, como nos relata Ferraz (2010). Os Sem Terra fizeram uma manifestação em forma de marcha até a Prefeitura Municipal de Parauapebas, onde acamparam em frente a prefeitura em prol de respostas e posicionamento do governo municipal. Vale ressaltar que nesse meio período muitas famílias já começaram a desistir de continuar ocupando e acampando em alguns lugares, por medo da violência, por passarem fome e humilhações. Porém, outras famílias entraram na organização.

Dias depois da ocupação em frente à sede administrativa de Parauapebas, a prefeitura, alguns líderes do movimento solicitaram transporte ao prefeito do município, conhecido como Chico das Cortinas, para ir até Marabá para conversarem com representantes do INCRA SR-27 (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Superintendência Regional do Sul do Pará). E assim foi feito. As famílias foram para Marabá no dia 05 de Julho, ao chegarem no local, fizeram um novo acampamento no pátio da sede do INCRA, realizaram novas negociações e não foram o bastante para resolver a demanda da criação do assentamento, diante disto, os Sem Terra enviaram representantes para a capital brasileira, Brasília, para negociar com o INCRA Nacional, que por sua voz também não obtiveram respostas.

Ficaram por cinco meses acampados em um terreno ao lado do INCRA em Marabá e nesse período o que se contam é que não tinha terra/lote para plantar, então os Sem Terra ali acampados recebiam cestas básicas do governo e alguns trabalhavam fazendo “bico” para ajudar no sustento da família acampada, como nos relata Moreno (2010).

Para que o acampamento se mantivesse organizado como um todo, em questões de segurança, alimentação etc., as famílias eram divididas em grupos com quinze famílias em cada grupo, também nomeados para facilitar a identificação e a organização. Segundo a entrevistada M. Ferraz (2019) “se dessem uma lata de óleo e um pacote de feijão pro grupo, essa lata de óleo

---

<sup>3</sup> Babá é um engenheiro, professor universitário e político brasileiro filiado ao PSOL

e o pacote de feijão eram divididos entre essas famílias. Então tudo era dividido”. Percebe-se o quanto se fazia natural e necessário a organicidade e a solidariedade dessas famílias, pois quando recebiam cestas básicas para o acampamento, dependendo da quantidade de cestas eram divididas nos grupos. Se mantendo resistente em coletivo.

A resistência das famílias que ali permaneceram era maior que tudo, onde permaneceram acampados por muitos meses, se mantendo firmes, organizados e resistente, travando lutas coletivamente. O significado da palavra acampamento é forte quando se envolve todo um conjunto de sujeitos na busca do mesmo objetivo: terra para trabalhar e nela plantar e cultivar.

Acampamento é um espaço de luta e resistência. É a materialização de uma ação coletiva que torna pública a intencionalidade de reivindicar o direito à terra para produção e moradia. O acampamento é uma manifestação permanente para pressionar os governos na realização da Reforma Agrária. Parte desses espaços de luta e resistência é resultado de ocupações de terra; outra parte, está se organizando para preparar a ocupação da terra. A formação do acampamento é fruto do trabalho de base, quando famílias organizadas em movimentos socioterritoriais se manifestam publicamente com a ocupação de um latifúndio. (FERNANDES, 2012, p.23).

Foi nessa perspectiva de pressionar o governo na realização da Reforma Agrária, que após cinco meses estando acampados no INCRA de Marabá, já em 95 as famílias decidem voltar a cidade de Parauapebas, montaram acampamento no local chamado Zé Areia (que hoje é o bairro Vila Rica), montando estratégias para ocupar uma área definitivamente nesta região. Se fazia necessário a urgência desapropriação das terras para as famílias poderem trabalhar. E assim aconteceu, após oito meses no Zé de Areia, as famílias Sem Terra ocupam uma outra parte da antiga Fazenda Rio Branco (área que possuía uma parte já no município de Parauapebas), no local que denominaram como a Vila da Barata<sup>4</sup>. E não desistiram de sair da Vila da Barata, a não ser para suas terras permanente.

---

<sup>4</sup> Chamado assim devido a quantidade de baratas que havia no acampamento.



**Figura 1:** Principal rua do acampamento Vila da Barata  
**Fonte:** Sirlene Ferraz, disponibilizada em 2019

Na figura acima, temos uma imagem com a rua principal do Acampamento Vila da Barata, área da antiga fazenda Rio Branco. Barracos de palha e lona, uma ao lado da outra, mulheres e crianças na frente de suas casas, com a mata lhes arrodando. Essa é uma das principais fotos registrada naquela época, registrando o momento em que o acampamento inicia o seu processo de territorialização camponesa nessa nova área.

Para Fernandes:

Os acampamentos são, predominantemente, resultado de ocupações. Assim sendo, demarcam nos latifúndios e nos territórios do agronegócio os primeiros momentos do processo de territorialização camponesa. (FERNANDES, 2012 p.23).

De acordo com a citação acima, os acampamentos representam um processo de desterritorialização do grande latifúndio e passa ser um território camponês, assim como foi na Vila da Barata, onde tiveram várias reuniões e assembleias que decidiram suas vidas enquanto acampados e depois assentados. E uma dessas decisões e que vinha sendo conversado desde quando acamparam no território Zé de Areia era sobre o nome que daria ao Assentamento. Que por toda a trajetória das famílias foram de resistência, lutas e sofrimentos, fome e conflitos e para simbolizar essa principal conquista as famílias decidiram colocar o nome de Palmares,

uma homenagem ao Zumbi<sup>5</sup> e a sua resistência, para criação do Quilombo mais duradouro da história colonial brasileira. Este nome não era só uma homenagem ao Zumbi e seu Quilombo, mas simbolizava muito mais, segundo o editorial da Revista Palmares – (Especial 15 Anos, 2009, p.03): “Naquele 20 de novembro de 1995, os lutadores do povo comemoravam 300 anos da República Negra de Palmares, e de seu líder, Zumbi, que tomou na luta contra os legalistas a serviço dos latifundiários e da Coroa Portuguesa.” Percebe-se que teria toda uma simbologia para definirem o nome do local, símbolos que faria parte da identidade das famílias Sem Terra. Neste mesmo período ficou definitivo também, que a data comemorativa seria dia 26 de Junho, o dia em que ocuparam pela primeira vez um território (a primeira ocupação dessas famílias, se deu no ano de 1994 na área da CVRD – Cinturão Verde).

É importante destacar que geralmente não era toda a família que estava nos acampamentos, nas mobilizações e ocupações. Em sua grande maioria era o homem que participava de tudo, enquanto a mulher ficava na cidade trabalhando nos serviços doméstico para ajudar o seu companheiro que estava nas ocupações, mas também cuidando da educação dos filhos. Entretanto, houve vários casos da mulher que estaria representando a família nos acampamentos e ocupações. E no período das férias ou nos finais de semana, a família se juntava ao companheiro ou companheira no acampamento, sobretudo quando formaram o acampamento no Zé de Areia e na Vila da Barata para unir forças e ir se familiarizando com o espaço, com os integrantes e com a dinâmica de organicidade do movimento. Houve também, casos da família por inteira (pai, mãe e filhos) passarem apenas os finais de semana nos acampamentos (Zé de Areia e depois Vila da Barata), e/ou a participação nas mobilizações e reuniões. Neste caso, se fazia necessário a presença e a participação permanente de pelo menos um membro da família no território. Como expõem M. Ferraz (2019).

Nesse período nós morava em Parauapebas, e aí quando foi pra vim pra terra definitiva, ele (seu ex esposo Nonato) que veio contribuir com o caminhão, pra trazer a questão da mudança da cozinha na Vila da Barata... Aí nós fizemos o barraco, mas nós não viemos pra dentro do acampamento, aí quando foi em primeiro de janeiro, sei que a gente veio já tinha o barraco pronto, nós viemos pra passar o final de semana, nós viemos na sexta-feira pra voltar no domingo porque as meninas estudavam né? Aí quando foi a tarde teve uma assembleia, aí o Célio (nome fictício) disse que os turistas, que ele chamava na época turistas era quem eram cadastrado que não moravam no acampamento, aí ele falou que os turistas que não acampasse ia ser

---

<sup>5</sup> Zumbi foi um guerreiro, líder dos escravos que fugiram dos cativeiros no século XVII, quando criaram o Quilombo dos Palmares, o maior quilombo de todo o país

cortado, eles iam dá três dias senão cortariam o cadastro. Aí quando nós chegamos em casa no barraco o Nonato disse assim: “pois é minha filha, agora você vai com os meninos e eu fico aqui”, aí eu falei: “negativo, se tiver que passar fome um, vai passar todo mundo junto”. Aí eu nem voltei mais pra casa, nem pra pegar mais as minhas coisas, aí no outro dia ele foi e trouxe tudo.

Relatado anteriormente, houve casos de mulheres estarem representando a sua família durante as ocupações, enquanto o companheiro ficava na cidade trabalhando e cuidando na educação dos filhos juntamente com algum parente, como descreve E. Conceição (2019), em sua entrevista.

Meu tio foi quem veio para os sem-terra né? junto com a minha mãe, e meu pai ficava no Peba pra poder garantir o sustento deles nos acampamentos, o pouco que eu lembro, eu lembro naquela época que a gente filhos não vinham muito, geralmente seria nas nossas férias, férias escolares, a gente vim pros acampamento ficar alojados com meu tio e minha mãe, minha mãe fica sempre lá e cá e meu sempre em Parauapebas trabalhando e só ia visitar quando ia todo mundo junto.

Percebe-se que mesmo em alguns casos apenas o homem permanecia no acampamento, enquanto a mulher ficava na cidade com os filhos, houve sim casos ao contrário, uma autonomia de outras mulheres em que decidiram ficar no acampamento, e outras que insistiram de passar todo o processo de luta com o companheiro e filhos. Com a autonomia destas mulheres e de tantas outras, nota-se a partir das entrevistas e relatos o quanto as mulheres tiveram um papel fundamental com relação ao processo organizativo do acampamento, que independente de ficarem ou estarem na cidade, estavam de uma maneira ou outra, contribuindo com a luta no âmbito familiar, como afirma a entrevistada M. Ferraz (2019).

As mulheres, elas teve um papel muito fundamental na construção do assentamento, aí eu coloco como exemplo a dona Geny, a dona Maristela, a dona Maria Mineira, a dona Maria Mineira ela era da parte da saúde, ela fazia tanto remédio caseiro, que eu não sei como que ela conseguia, ela e dona Geny, elas faziam. Nessa época dava muita malária aí elas faziam uma pílula caseira para combater a questão da malária. Elas eram tipo uma enfermeira, fazia muito chá, xarope entendeu. A dona Maristela o foco dela era a cozinha porque quando tinha uma marcha aí tinha uma cozinha grande, porque aquela cozinha era pra todo o acampamento. Então assim a participação das mulheres sempre foi massiva, sempre das mulheres e crianças, porque toda ação que tinha as mulheres e as crianças estavam na frente. Porque como tá na bandeira, o



homem e mulher juntos, porque tem até uma música que diz que “sem a mulher a luta vai pela metade” né.

A palavra mulher remete muito ao sinônimo de cuidados da alimentação, saúde, educação, mas, no movimento foi mais que isso, a participação da mulher foi fundamental na linha de enfrentamento, sempre bem ativas e massiva, pois como afirma E. Conceição (2019), “elas sempre seguravam o batente na verdade, ativas e resistente fazendo de tudo”. Promovendo a afirmação da autonomia enquanto mulher trabalhadora.

Entende-se também, que há uma necessidade de estudo, visto que é um direito de todos, e para essas mulheres não seria diferente. Um dos princípios do MST é o estudo e a formação permanente para aqueles que são integrantes deste movimento, visando na formação de novos quadros militantes para as instâncias do MST. Foi com essa finalidade que as lideranças do acampamento organizaram jovens para um curso chamado de Prolongado (por ser um curso fora de sua área perpassando por mais de um mês), os jovens decidiram ir para o prolongado e ficaram fora do acampamento estudando intensivamente. O Assentamento Vila Diamante localizado nas proximidades de São Luís do Maranhão na região do Igarapé do Meio, foi o área em que recebeu esses jovens e adultos durante três meses, havendo estudos de formação política e social.



**Figura 2:** Momento de Animação no Prolongado no Assentamento Vila Diamante.

**Fonte:** Antônio Domingos, cedida em 2019.

Na imagem acima vemos cerca de 30 jovens e adultos estão em um momento de animação, na escola do Assentamento Vila Diamante. Um dos momentos do Prolongada,

contando com pessoas de outros estados além do Pará e Maranhão, estados mais próximos da região maranhense. Neste prolongado havia uma participação significativa de mulheres, e em sua grande maioria mulheres jovens, onde se debruçaram nos estudos e na formação que o movimento estavam lhes proporcionando.

Ainda na vila da Barata, foi criada a Associação chamada APROCPAR (Associação de Produção e Comercialização dos Trabalhadores Rurais de Palmares) no intuito das famílias se organizarem melhor em relação a produção de alimentos e vendas. Fundada no dia 22 de Março de 1996, segundo alguns registros da própria associação. O consenso entre todos ou pelo menos entre a maioria das famílias é que se criasse apenas uma associação. Porém, houve aqueles que não concordaram e foi fundada uma outra associação, a qual muitos se associaram a ela, ocasionando uma divisão entre o próprio grupo de famílias acampadas, como nos relata M. Ferraz (2019) em sua entrevista.

Em 96 antes vim pra cá, aconteceu uma assembleia na escola porque através do período da eleição né? Em que o João<sup>6</sup>, o João estava se candidatando, então através dele, é questão de política né? foi fundada uma outra associação dentro do próprio acampamento. Que foi através de um homem lá, que ele já até faleceu, que foi o cabeça desta associação. Aí como tinha várias pessoas inscritas nesta associação. O Célio<sup>7</sup> fez uma assembleia aí eles falaram que quem tivesse nessa outra associação não vinha pra cá, pra essa vila aqui. Aí dividiu o acampamento.

O que se entende é que houve divergências políticas e internas, com promessas de conseguir melhorias para famílias que estavam associados nesta nova associação, houve uma divisão dentro do próprio acampamento. E assim que a terra fosse desapropriada o grupo que se associaram a esta nova associação, de 323 famílias ficariam próximo a Vila da Barata o outro grupo com 517 famílias ficariam mais distante.

Ainda em 96 foi criada a portaria para a criação do Assentamento Palmares, mas o que se conta é que não havia sido desapropriado exatamente, então era necessário fazer mais lutas, como também já fortalecendo a ideia de projetos para providenciar a construção de suas casas e desapropriação de outra fazenda, e para tal, os Sem Terra realizaram uma marcha no dia 10 de abril em Curionópolis rumo a Belém, um mês depois da liberação da portaria para a criação do Assentamento Palmares. No dia 17 de abril alguns integrantes do Assentamento com

---

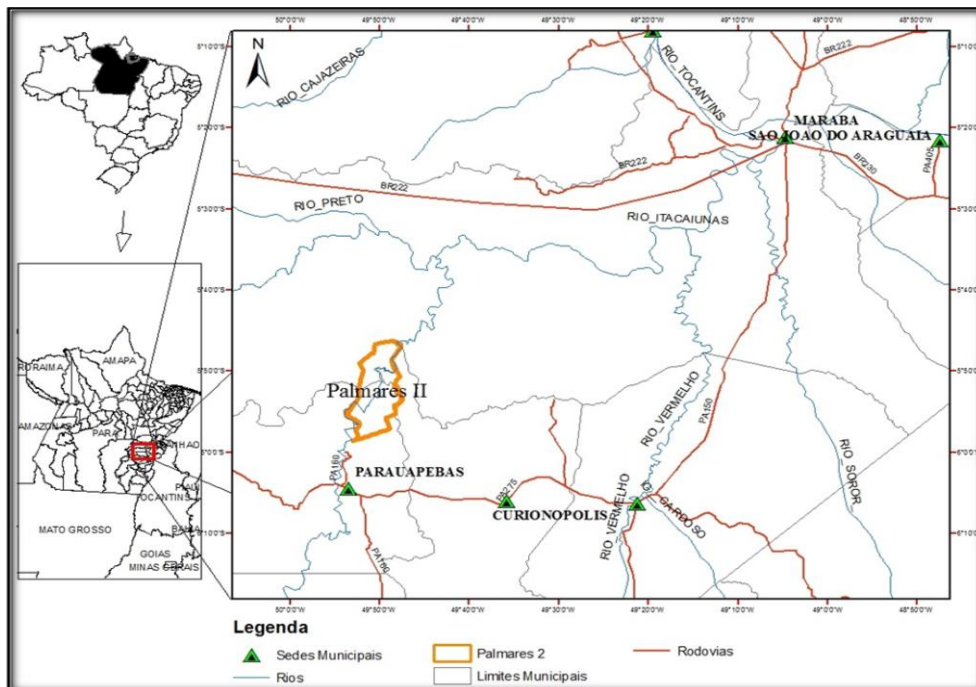
<sup>6</sup> João é um nome fictício, em decorrência fala da entrevista, que pode prejudicar outras pessoas envolvidas

<sup>7</sup> Célio é um outro nome fictício, utilizado para não comprometer as pessoas envolvidas no trecho da entrevista

famílias de outros acampamentos estavam em um trecho depois da cidade de Eldorado, quando foram surpreendidos violentamente pela a polícia do estado em decorrência a uma ação, onde dezenove Sem Terra foram assassinados. E entre esses mortos tinha integrante do Assentamento Palmares um jovem chamado Oziel Alves Pereira de apenas 17 anos.

Após o Massacre de Eldorado dos Carajás, o mundo voltou os olhos para o MST, principalmente nesta região do Pará, possibilitando criação de mais assentamentos, como também projetos viabilizando melhorias para as famílias em relação a moradia, alimentação, educação. Acreditando que a partir do massacre se intensificou a luta pela terra no Pará, como também as denúncias de conflitos agrários no estado paranhense a qual muitos advogados, sindicatos, e outras entidades sociais estavam dando apoio e suporte para as famílias.

Após esse episódio, o INCRA faz as burocracias da criação do Assentamento, as famílias se dividiram. Palmares I, com 323 famílias ficaria a cerca de 10 km de distância do centro da cidade, ficando entre Parauapebas e Palmares II, e Palmares II ficaria a 22 km de distância da cidade de Parauapebas.



**Figura 03** Mapa de localização do Assentamento Palmares II  
Confecção Rogério Bordalo, 2010.  
**Fonte:** Glauca Moreno

Acima observa-se no mapa a localização do Assentamento Palmares II (antes, era parte da Fazenda Rio Branco), ficando nas proximidades do município de Parauapebas. O tamanho total da área do assentamento Palmares II é de 14. 921,8902 hectares, que inicialmente foram

divididos em 517 lotes de 5 alqueire (20 hectares) para cada família, e mais um perímetro que hoje se localiza a vila do Assentamento, um tamanho de um pouco mais de 5 alqueire dividido entre as famílias.

A metodologia que as famílias utilizaram para a divisão dos lotes, foram através de sorteios, com os lotes do perímetro da vila o primeiro a ser sorteado, para saberem a sua localização, (os grupos eram sorteados para ver em qual rua ficariam e em cada grupo faziam outro sorteio para ver a localização que cada família ficaria). E a divisão dos lotes para o trabalho e cultivo também não foi diferente. Este já foi cortado alguns meses depois que as famílias já estariam no local da vila. Fizeram um sorteio para qual vicinal os grupos ficariam e a sua localização para a demarcação da terra.

Após a demarcação das terras, todos começaram a fazer os barracos como bem acharam melhor, assim como também as suas plantações de arroz, milho, mandioca, frutas e hortaliças. Começaram a se organizar coletivamente para depois cada um finalizar individualmente o seu local de moradia e trabalho. Alguns tiveram a sorte no sorteio ao pegarem um lote próximo a rios e um terreno plano, outros nem tanto, então tiveram que canalizar estratégias para a preparação do solo.



**Figura 4:** Greve de Fome em frente ao INCRA  
**Fonte:** Antônio Domingos, cedida em 2019

Em 30 de setembro de 1996, quatro homens e duas mulheres ficaram em greve de fome, como vemos na imagem acima, realizada em frente ao INCRA de Marabá. Os sujeitos do Assentamento Palmares necessitavam de respostas e muito mais que isso necessitavam das

ações do INCRA em relação a viabilidade dos projetos em especial de crédito e fomento. A greve durou cerca de cinco dias, pois logo conseguiram essas melhorias para as 517 famílias. É importante dizer que a greve de fome é “utilizada somente em situações extremas e com muito critério e preparo” (MORISSAWA, 2001, p.201). Sendo uma estratégia o local em que foi debatido para a realização desta greve, por ser um órgão público que teria bastante movimentação de pessoas e sem falar que é o órgão que responde pelas reivindicações.

Ao longo dos anos as famílias iam se organizando de acordo com os princípios do MST, pois o processo de organicidade de Palmares II não acabaria com a conquista da terra, ou seja, não acabaria com a transição de acampamento para o assentamento. Mas ao contrário, o processo de organicidade deveria ser contínuo, se mantendo um povo mobilizado e organizado. “Mesmo depois de assentadas, estas famílias permanecem organizadas no MST, pois a conquista da terra é apenas o primeiro passo para a realização da Reforma Agrária.”(Site MST, 2015) Neste intuito, dentro do Assentamento foi organizado setores, que conduziria o processo de organicidade da localidade, mas também a nível estadual e os militantes iam se inserido a cada setor que mais lhe interessaria e que tinha uma certa habilidade com o mesmo. Na época, os setores organizados foram: setor de educação, saúde, produção, frente de massas, cultura e lazer. Os setores, juntamente com os coordenadores do núcleo de base seria a coordenação geral do Assentamento para tratar de questões mais específicas como reunião com o governo, prefeitura etc. Porém, passaria primeiro por uma assembleia em que toda a comunidade estaria presente discutindo questões da localidade.

Hoje no processo organizativo do Assentamento Palmares II, há grandes estruturas escolares, uma do ensino fundamental II que atende do 6º ao 9º ano e EJA (a primeira escola do Assentamento, Escola Crescendo na Prática), outra do ensino fundamental I que atende do 1º ao 5º ano, uma do ensino infantil considerada uma das maiores escolas infantis do campo, e a escola do ensino médio, que funciona no prédio da Escola Crescendo na Prática. Além disso, possui um posto de saúde, duas associações, cooperativas, farinheiras, feira, diversas igrejas, grandes comércios, áreas de lazer, água encanada, energia, ruas asfaltadas e até mesmo um posto de gasolina. E para cada estrutura de prédios mencionados acima houve coletivos que os chamam de setores, para coordenar determinado setor: religião, educação, saúde, cultura/lazer, economia/produção e infraestrutura. Pessoas que representaria todas as famílias após a criação do Assentamento, como forma de manter a organicidade mesmo depois de Assentamento.

Contudo, percebe-se que no decorrer dos anos muita coisa mudou no que diz respeito a organicidade, os grupos possuem uma certa dificuldade de se reunir para desenvolver ações e

produções coletivas. Segundo alguns entrevistados, o fator primordial aconteceu devido a quantidade de pessoas que migraram para o Assentamento a partir dos anos 2000, fazendo com que as opiniões fossem mudando e se diferenciando, pois muitos já não concordavam com a metodologia, ou seja, já não se interessavam pelo os mesmos. Mas que ainda sim, se mantiveram um coletivo de pessoas firmes para a organicidade dos setores na comunidade, em que alguns saíram e outros entraram principalmente a juventude do Assentamento.

O Assentamento chega a cerca de mais ou menos dez mil pessoas, entre eles que moram dentro da vila, e outros aos arredores e que precisam de alguma forma qualquer tipo de assistência do Assentamento, como assistência básica. Muitos destes que vieram morar na comunidade depois, também foi a procura de terra para poder trabalhar e até mesmo de um sossego e segundo Jorge Neri, (atual presidente da associação APROCPAR) relata que muitos assentados no decorrer dos anos foram vendendo parte de seu lote para se transformar em loteamentos, podendo chegar cerca 300 lotes a mais do que havia cortado antes. Causando uma série de fatores negativas, como a superlotação na comunidade, problemas na saúde, moradia, trabalho e entre outros, como também a não se dispor a entender e contribuir com o processo de lutas do MST.

Entre estes fatores negativos da superlotação na comunidade, seria falta de empregos para a quantidade de pessoas desempregadas na comunidade. Onde muitos tentam trabalhar na Vale ou para as suas terceirizadas, que por sua vez muitas terceirizadas trabalham nas proximidades dos lotes do Assentamento Palmares II, trazendo problemas reais, tanto sociais como ambientais. Não conseguindo suprir as necessidades de empregos na Palmares II, um grupo de pessoas reúnem para criação de um movimento chamado popularmente como o Movimento dos Desempregados, a fim de conseguirem da Vale empregos para os desempregados. Porém, nem todos conseguem se empregar, devido a quantidade de pessoas que ficam sem ser chamados, pois as vagas são mínimas.

Com a Vale a luta é constante por empregos, já que usufruem da comunidade para benefícios próprios, como também a briga por questões ambientais em relação a retirada de minério de ferro, trazendo impactos socioambientais.

O MST, foi o movimento que deu oportunidades para que as famílias pudessem ter sua própria terra, denunciando as mazelas do latifúndio e grilagem de fazendas, que por lei deve ser destinado para fins de Reforma Agrária. E para os trabalhadores rurais do Assentamento, a entrada no MST para conquistar uma terra foi um tipo de solução a fim conseguir um local para trabalhar e produzir o seu próprio alimento. E com tanto sofrimento que passaram durante todo

o processo de ocupações e acampamentos e perdas de companheiros da luta, apenas deixaram mais fortes para continuar a resistir contra os tipos de violência, de repressão, e a lutar cada vez mais para que seus direitos sejam garantidos.

A importância de se manter viva a memória do Assentamento e dos sujeitos que constituem e que contribuíram no processo de crescimento desta comunidade se faz fundamental, para que aqueles que não conhecem a história do processo da luta pela terra do Assentamento Palmares II pudessem conhecer através de datas importantes e comemorativas, como o dia 17 de Abril relembrando o que foi o Massacre e o aniversário do Assentamento trazendo experiências e histórias por meio da arte e da cultura.

### **1.2 Histórico da Escola Crescendo na Prática**

A educação no Assentamento Palmares II surge antes de uma escola reconhecida pelo MEC (Ministério da Educação) e um prédio específico. Surge em agosto de 1994, ainda no acampamento em frente ao INCRA SR-27, local onde os Sem Terra acamparam durante cinco meses. Ela surge a partir da necessidade dos filhos em estudarem, devido a uma grande quantidade de crianças que acompanhavam seus pais no acampamento. A educação no acampamento começou com uma espécie de ciranda (que hoje o movimento chama de ciranda infantil<sup>8</sup>) para as crianças de todas as idades, como a principal prática pedagógica para trabalhar com as elas, assuntos do seu cotidiano desde o porquê e para que estavam ali acampados, até as coisas mais essenciais e básicas que se deve ensinar as crianças.

É nesse cirandar da Ciranda que as crianças vão compreendendo o projeto de sociedade que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra está construindo e vão realizando sua infância, pois esse processo não precisa ser isolado do espaço da luta de classe. A coletividade vivenciada pelas crianças nas Cirandas Infantis tem uma intencionalidade pedagógica vinculada ao projeto educativo que vem sendo desenvolvido no interior do MST. E pelas vivências no coletivo infantil as crianças têm possibilidade de se apropriar dos elementos do processo histórico para a compreensão da realidade. (ROSSETTO, SILVA, 2012, p. 129).

Acredita-se que era necessário uma educação desde já emancipatória, onde pudessem ensinar as crianças a viverem e lutarem por uma sociedade democrática e justa, e só era possível

---

<sup>8</sup> Ciranda Infantil é um espaço educativo da infância Sem Terra, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e mantidos por cooperativas, centros de formação e pelo próprio MST, em seus assentamentos e acampamentos.

ensinando-lhes o ato de ler e escrever, tornando-se uma “arma” a fim de resistir contra o latifúndio, contra o capitalismo e toda forma de opressão que lhes eram impostos.

Durante o acampamento alguns acampados se voluntariaram para o processo de alfabetização das crianças, entre estes voluntários, uns na época tinham apenas o magistério, e outros não tinham nem o ensino fundamental completo, mas se propuseram a ser educadores. Que inicialmente realizaram um levantamento de 300 crianças, para a criação da escola, que teve como nome Escola Crescendo na Prática, nome escolhido por uma acampada na época, chamada Andreлина, como enfatiza M. Ferraz (2019) “a Escola Crescendo na Prática, quem colocou o nome dela foi a dona Andreлина do seu Aristeu, ela colocou na porta do INCRA em Marabá, porque ela disse que todo sofrimento era na prática, tudo era crescendo na prática, para crescer tinha que ser na prática. Então ficou Escola Crescendo na Prática”. Apresentada a proposta por ela, todos que estavam acampados concordaram com o nome que permanece até hoje.

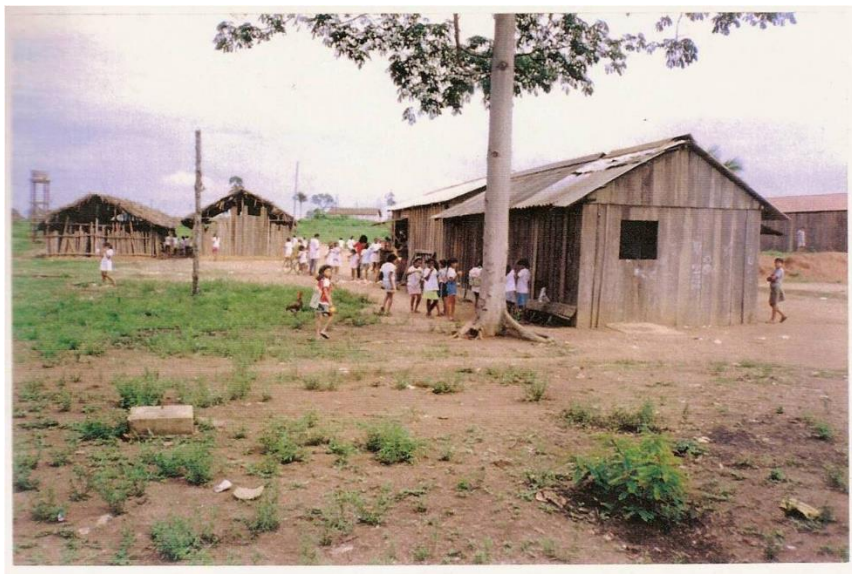
As aulas inicialmente eram ministradas com muitas dificuldades e complicações, por serem realizadas embaixo das árvores sem estruturas suficientes, principalmente com uma grande demanda de crianças e adolescentes a serem alfabetizadas, e por não haver material didático o suficiente para as aulas e para os alunos. A partir dali as aulas aconteciam de forma permanente, não apenas no acampamento em frente ao INCRA, mas ao contrário, a partir do momento que o acampamento mudava de território, a escola também mudava, e o processo de ensino aprendizagem não parava, mas continuava.

A necessidade por uma escola minimamente estruturada sempre foi primordial, que os integrantes do acampamento começaram a organizar um espaço, para atender a demanda das 300 crianças do acampamento. No momento em que as famílias já estavam acampadas na Vila da Barata, começaram a fazer mutirões para a primeira escola mais estruturada com algumas madeiras, tábuas, palhas e bancos improvisados, porém, construído no espaço em que já estava decidido para construção da Vila Palmares.

Em apenas um final de semana, os pais fizeram a escola com a estrutura de dois galpões com quatro salas de aulas e uma secretaria feita de madeira, ou seja, de tábuas, os bancos foram improvisados com tábuas que receberam de doações. Na época atendia aproximadamente trezentos e cinquenta crianças e funcionava os três turnos manhã, tarde e a noite com as turmas de jovens e adultos, e a mesma funcionava com energia a motor ou às vezes com lamparina, com lampião. (FERRAZ, 2010, p. 28).



Uma ajuda que veio de todos: homens, mulheres, jovens e crianças, como nos relata a citação acima, trabalhando e dividindo as tarefas entre si. Uma ação coletiva para se construir um espaço de todos.



**Figura 5:** Escola Crescendo na Prática já no Assentamento Palmares  
**Fonte:** Cleude Nunes

Na imagem acima está a primeira escola, construída dentro do assentamento, um local escolhido pelas famílias Sem Terra, visando um local estratégico por ficar no centro do assentamento. Na imagem percebe-se que tinha pelo menos cinco barracões feito de madeira, palha e telha Brasilete.

Segundo R. Martins (2019), que na época estudou na primeira escola onde hoje é o assentamento diz:

Eu lembro que cheguei a estudar nessa escola de palha aqui na Palmares, mas ainda comecei a estudar lá naquela escola do acampamento que nós tinha, que nós chamava de Vila da Barata. Nessa escola aqui as salas eram divididas, tinha apenas um único barracão, mas divido e nossas cadeiras eram de açaiçal, tora de açaiçal e nossas mesas eram feitos de táboa. E tinha mais barracão que era a secretária e a sala de merenda. A escola era localizada no mesmo local onde é oficial ali próximo localizado a praça, porque ali era um espaço limpo, não tinha muita árvore, acho que por isso também foi feito a escola lá. Foi feito muito rápido, em mutirão porque a educação também foi sempre primordial.

Para o MST, quando monta o acampamento e assentamento o objetivo não é apenas conquistar a terra, mas a demanda da educação vem como segundo objetivo a ser alcançado. Visto que a escola já havia sido construída e funcionando com as aulas de multisséries para

crianças, adolescentes, mas também para jovens e adultos, no entanto nada legalizado e as pessoas que ali trabalhavam sendo voluntários. Inicia-se uma luta para a garantia da contratação desses voluntários pela prefeitura, como também a legalização da escola e mais tarde a construção da escola com estruturas específicas para a demanda de alunos. Foi nesta perspectiva que os voluntários, pais, mães, filhos e os acampados em geral, fizeram uma marcha da Vila da Barata até a prefeitura de Parauapebas para a reivindicação dos seus direitos, que assim lhes foi garantido.

A escola passou a ter conquistas através de muitas lutas, mobilizações, manifestações e negociações. E o apoio maior do município só veio após o Massacre de Eldorado dos Carajás, que foi quando se comoveram com toda o conflito agrário acontecido em 96, pois foi nesse mesmo ano que a escola passa a ser reconhecida pelo o MEC. Foi neste período que a escola passa a ter garantia de recursos públicos.

Em 1998 houve o concurso público, a qual os educadores da comunidade que eram contratados havia sido demitidos, para dar espaços aos concursados, que por sua vez, as famílias ficaram revoltados como conta M. Ferraz (2019) “deu uma revolta muito grande no Assentamento na época, muito grande mesmo, porque pelo fato deles veem a gente como sem valor né? e aí eles vieram ocupar o espaço que nós construímos, então deu uma revolta muito grande”. Essa revolta se dá devido a própria dinâmica que o MST propõe para as escolas do campo, a qual a preferência por educadores sejam sujeitos do MST e principalmente da comunidade, por vivenciarem e entenderem todo o processo de lutas que enfrentaram, e por compreenderem a realidade destes alunos, vinculando a teoria com a prática dos mesmos, propondo uma educação que seja vinculado a esses trabalhadores.

Na época os que tinham escolaridade no assentamento fizeram o concurso e entre eles passaram apenas quatro pessoas, os demais que vieram trabalhar no assentamento eram de Parauapebas trazendo uma concepção e um imaginário totalmente distorcida sobre o MST. Devido a quantidade de professores de fora no assentamento o dever de fazer estudos com os professores se fazia cada mais essencial. Estudos que se tratavam de estudar a pedagogia do movimento, linhas políticas, e princípios da educação do Movimento Sem Terra, assim como os teóricos que trabalhasse o diálogo da educação com o campo, como Caldart, Arroyo, que trabalhasse a valorização do ser humano como Paulo Freire que propõe o estudo a partir da realidade do educando e o trabalho como princípio pedagógico a partir de Antonio Gramsci e entre outros.

Uma das professoras mais antiga do assentamento a M. Ferraz (2019) relata que esses estudos se davam pelo menos uma vez na semana, e quem iniciava os estudos era o Diretor da escola na época, que também era da comunidade, facilitando o diálogo com os professores. Até porque os professores careciam conhecer a escola e sua dinâmica a partir do momento em que entrasse na escola. Lembrando que os diretores deveriam ser indicados pela a comunidade e da comunidade, fazendo uma votação com a participação dos pais, assentados e filhos dos assentados (a partir de uma determinada idade).

Ainda em 98, uma parte da militância do Assentamento passou a se colocar mais nos estudos, no intuito de serem os educadores da Escola Crescendo na Prática e para além disso, apontar rumos aos jovens para projeções futuras, rumos que se daria a partir da educação e formação humana emancipadora e libertadora, a qual se deseja a autonomia destes jovens e sua própria libertação daquilo que lhes prende sobre a visão de mundo. E a partir de uma luta travado pelo o MST a nível nacional, como também a partir de outros movimentos e entidades sociais pela a importância de ser ofertada uma educação voltada para o campo, foi criado o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), por não haver políticas públicas prioritárias para a educação do campo e no campo. E esses militantes se encaminharam para alguns locais onde teria o PRONERA, para fazer cursos como Letras, ou Pedagogia da Terra e entre outros.

A partir daí, as famílias começaram a luta por uma escola construída de tijolos, com uma infraestrutura melhor e digna para os alunos. Em agosto deste mesmo ano os trabalhos para construção da escola começam. E na reivindicação para a construção da escola, as famílias reivindicam que os pedreiros e os ajudantes de pedreiros fossem em sua maioria da comunidade, gerando empregos para o assentamento durante sete meses, o tempo que mais ou menos a escola demorou a ser construída segundo R. Martins (2019). E por mais uma vez a comunidade passa a participar na construção da escola, que se torna importante muito mais do que o lado financeiro e econômico, mas também a continuação de uma construção da história do assentamento.

Com o reconhecimento da Escola, a luta vem sendo construída até então, no sentido de garantir o acesso das crianças, as condições físicas de infra-estrutura básica e o enriquecimento do trabalho político e pedagógico, por meio de políticas municipais e federais, tanto na garantia de recursos pedagógicos, como na formação das educadoras/es, para que possamos fortalecer e qualificar o processo educacional das crianças jovens e adultos Sem Terra de Palmares. REVISTA PALMARES – (SALES, 2009. p, 08)

Percebe-se que a luta apenas continua quando os processos vão avançando, com o intuito de garantir o acesso das crianças a escola em boas condições, mas também a formação dos educadores para fortalecer na qualificação educacional dos sujeitos do Assentamento Palmares II.



**Figura 6:** Jardim da Escola Crescendo na Prática  
**Fonte:** Aline Silva – Arquivo Pessoal, 2019.



**Figura 7:** Frente da Escola Crescendo na Prática  
**Fonte:** Aline Silva – Arquivo Pessoal, 2019

Como se percebe nas imagens acima, nos dias de hoje a escola já passou por várias reformas, e nem sempre os ajudantes e pedreiros foram da comunidade como anteriormente realizada na primeira escola, até porque, muitos já haviam conseguido empregos em outros lugares. Entretanto muitos funcionários da escola são da comunidade, mesmo com algumas mudanças, não só entre os professores, mas no quadro de funcionários em geral.

A Escola Crescendo na Prática e tantas outras do campo buscou-se a metodologia de trabalhar os conteúdos de acordo com a realidade dos alunos e da comunidade em que vivem, uma educação para a transformação social, e para isso acredita-se que o conceito da palavra educação se torna muito mais amplo, por se ter vários sentidos, como explica Caldart (1996, p.161) nos Princípios da Educação do MST:

Em sentido amplo, podemos dizer que a educação é um dos processos da formação da pessoa humana. Processo através do qual as pessoas se inserem numa determinada sociedade, transformando-se e transformando esta sociedade. Por isso ela está sempre ligada com um determinado projeto político e com uma concepção de mundo. Caderno de Educação n. 08.

A autora explica da importância da vinculação do projeto político para a transformação da sociedade através da educação. É neste sentido que a escola busca sentar com a comunidade,

professores e todos que fazem parte do corpo escolar para a construção do Projeto Político e Pedagógico, a fim de enfatizarem que mais do que a teoria ela precisaria está ligada à prática, valorizando a identidade do homem, da mulher, do jovem e da criança camponesa, mesmo com os desafios que acontecem no decorrer deste processo e limites encontrados para a construção deste projeto. Pois falar de educação voltada no e do campo é buscar compreender o processo de lutas enfrentadas permanentemente para a garantia dos direitos e políticas públicas a educação, Caldart (2001).

A Escola Crescendo na Prática almejou-se trabalhar com os alunos o Trabalho como Princípio Pedagógico partindo da identidade dos alunos, criando a própria concepção de identidade escolar da Escola Crescendo na Prática, na intenção de dá continuação da valorização do trabalho na roça, da valorização da agricultura familiar, mostrando aos alunos sua importância, pois a relação do estudo com o trabalho é a menos considerada, embora seja uma das mais importantes questões a ser estudada, como afirma Pistrak, (2018).

Pistrak (2011), afirma no livro *Fundamentos da Escola do Trabalho* que; “o trabalho é um elemento integrante da relação da escola com a realidade atual”. Assim, como Frigotto (2012) no Dicionário da Educação do Campo diz que deve ter uma introdução do trabalho para o princípio educativo em todas as relações sociais, seja ela na família, na escola ou na educação profissional. Sendo assim, se faz correto afirmar que as escolas podem começar com a metodologia de oficinas com diferentes tipos de modelagem, partindo para trabalho manual em geral, criando algo produtivo.

A Crescendo na Prática começou a utilizar do trabalho como princípio educativo a criação de horta orgânica, como forma de incentivar os alunos ao trabalho coletivo e muito mais que isso, incentiva-los para uma agricultura sustentável, onde acontece a interdisciplinaridade em uma ação só e levando os alunos a pensarem melhor sobre uma alimentação mais saudável sem agrotóxicos como a escola propõe. Além do mais, a escola começou a trabalhar como método educativo outras datas para além daquelas que trabalham a nível nacional, datas comemorativas e importantes, que representam a história do assentamento como: o Massacre de Eldorado dos Carajás e o Dia Nacional da Luta pela a Terra, aniversário do assentamento, e entre outros.

É importante enfatizar que o modelo do Trabalho como Princípio Pedagógico que a escola propôs, não foi aquela que é defendida pelo o sistema capitalista, onde se trabalha a ideia da força de trabalho como mercadoria, e onde se coloca que é preciso trabalhar para consumir aquilo que você não tem, embora não seja uma coisa que você realmente esteja precisando.

Logo, isso não deve ser pensando sobre Trabalho como Princípio Educativo, por se tornar alienante, sendo assim seria incapaz de pensarmos que o trabalho neste modelo poderia ser como princípio pedagógico, como enfatiza Frigotto (2009), com base na análise feita por Tumolo através dos textos de Marx.

Deste modo, a escola apresenta ao contrário, onde reconheçam o trabalho como reprodução social a partir dos seus saberes em que tem com a terra em suas produções, a partir do seu cotidiano, ou seja, da realidade, que tragam consigo suas culturas. Logo, a escola acredita que é na educação que há uma mudança de consciência dos alunos, onde possa levá-los a entender a luta de classes e em qual classe fazem parte. Um entendimento que se acredita que conseguirá através da própria educação e metodologia por ela proposto.

Hoje, para além da Crescendo na Prática (a Escola Mãe) do ensino fundamental II, o Assentamento possui mais três escolas: a Oziel Alves Pereira de ensino fundamental I, a Maria Salete Ribeiro Moreno de ensino infantil e a do Ensino Médio que também é denominada como Crescendo na Prática, mas que não tem um prédio próprio. Cada uma delas vem trabalhando com as práticas pedagógicas de acordo com a vivência do aluno, da história da comunidade, e da região. E para que essa relação seja maior, as escolas possuem monumentos, pinturas, frases, poemas e referências sobre a luta do povo, em especial sobre o Massacre de Eldorado, que são os próprios alunos que constroem juntamente com os professores. Um espaço pedagógico que ajuda na criação de cidadãos conscientes.

“Os professores de hoje são os alunos de antes”, que estão assumindo os trabalhos que foram iniciados a 25 anos atrás, e que vão trabalhando nos diversos espaços das escolas, como o EJA, Educação de Jovens e Adultos a qual facilitou muito para o pai, a mãe e o jovem que trabalham o dia todo no campo ou na cidade e que querem estudar para ter uma aprendizagem melhor. Hoje, com a quantidade de escolas foram necessários mais professores, tendo uma parcela de professores do Assentamento (professores que inicialmente foram voluntários no período em que a escola nascera em frente ao INCRA e outros filhos de assentados) e outra da cidade que trabalham na escola a partir dos concursos públicos.

Como as escolas não atendem somente os alunos da Palmares II, mas também de outros assentamentos e vilas que há nessa região, requer uma demanda maior, e que essa demanda seja apropriada para o campo. No entanto, muita coisa mudou: a comunidade já não interfere na eleição dos novos gestores da Escola Crescendo na Prática, devido a disputa política e interna, como a não continuação de estudos semanalmente para corpo escolar da Escola Crescendo na Prática, pela própria dificuldade de se reunirem devido a demanda que a escola possui (como

por exemplo: o funcionamento da escola em quatro turnos), além da dificuldade de trabalhar com os alunos referente a identidade do assentamento começou a ser gritante, por ter um outro público de alunos, mas também devido o desinteresse por parte de alguns gestores e docentes em querer trabalhar com os alunos apenas conteúdos programáticas, que por sua vez facilitou as dificuldades na conciliação com a realidade.

Segundo M. Ferraz (2019):

Quando outros foram assumindo a direção, foi perdendo esse pertence, antes toda a semana tinha um dia mística, de apresentações de peças teatrais, da mística de cantar o Hino do MST e tudo... Porque hoje tem aluno que não sabe nem o que é o Hino do MST e nem uma mística. E aí foi se perdendo, por que o certo era falar para cada professor que chegasse que aqui era dessa forma e tal entendeu? Porque hoje lá na Salete e na Oziel (Escolas do Assentamento), ainda existe essa pertença do MST, toda sexta-feira na Oziel tem um momento cultural, que os professores apresentam alguma coisa relacionado, assim como na Salete, onde os pais participam também.

Contudo, observa-se que muita coisa mudou na Escola Crescendo na Prática, onde os pais já não participam com tanta frequência da comunidade escolar, os hábitos e dinâmica de momentos culturais na escola também estão se deixando aos poucos, mas as escolas de ensino fundamental menor e infantil iniciam este processo para deixar uma semente da história da comunidade nos alunos.

A Escola Crescendo na Prática tem deixado de fazer um debate com os alunos e pais dos alunos sobre o uso de venenos, agrotóxico, visto que muitos moradores (assentados ou não) da comunidade usam venenos em suas plantações como forma de acabar com as pragas. E talvez, o que seja necessário é a escola mostrar alternativas, como: fazer o debate sobre a agroecologia dentro e fora da sala de aula, um debate que não necessariamente precisa ser realizada em apenas uma disciplina ou aula, mas que seja continua nos espaços pedagógicos da escola.

A partir dessas questões relatadas acima, vamos percebendo que as dificuldades que escola vem sofrendo, se dá pela própria demanda de alunos, havendo superlotação das salas, ocasionando um grande desafio em que a comunidade escolar precisa superá-las.

Os princípios da educação no MST foram mudando, pois se acredita que o “texto apenas não se revisa, mas também se reescreve, e foi neste sentido que os princípios da Educação também foi se reescrevendo, ou seja, foi se dando novos sentidos de um jeito um pouco diferenciados para que pudesse conhecer novas práticas” Caldart (1996). Falar sobre a educação

nos assentamentos vem sendo um grande desafio, devido a ampliação do conceito, educação não acontece somente na escola de apenas uma modalidade. É neste sentido fica um grande desafio para as escolas do Assentamento Palmares II, de reescrever novos métodos de educação visando sempre a valorização da história da comunidade.

## **2. MULHERES NA LINHA DE FRENTE**

### **2.1 A luta pela terra**

Anteriormente, ressaltamos a importância que a mulher teve em todo o processo de conquista histórica do Assentamento Palmares, principalmente na “linha de frente”, da educação, saúde, alimentação, bem como produção de alimentos. Hoje, algumas dessas mulheres permanecem ativas nesses setores/tarefas, e outras se somam, principalmente na perspectiva da produção de alimentos, do trabalho com agricultura. Essas mulheres, além de conduzir a produção de alimentos, também desenvolvem outras ações.

É importante colocar em questão que, não havia por diferentes perspectivas a leitura da importância do papel das mulheres na luta pela terra no período de 1982 a 1992 segundo Pereira (2017), as mulheres não eram vistas como sujeitas atuando diretamente na luta pela terra.

Seria importante visibilizar suas importâncias nos muitos despejos, ameaças de morte, violências em geral relacionados aos conflitos agrários, muitos cometidas pelo os aparelhos públicos do estado, principalmente a polícia. É a partir daí que percebermos a atuação da mulher na linha de frente na ação de denúncias, o enfrentamento contra a própria polícia, seu encorajamento para a permanência da família no acampamento, e sua ousadia para as mais diversas formas de lutas.

Em muitos desses casos, recaía sobre as mulheres o cuidado com a família e com os pertences domésticos: não deixar a família sair do local sem se alimentar; proteger seus filhos da polícia ou de pistoleiros armados; ser obrigada a embalar as roupas, os utensílios domésticos e as ferramentas de trabalho etc.; até porque, em diversos momentos, era ela que procura providências contra qualquer tipo de violência direcionada aos posseiros, como denúncias os casos às entidades de mediação ou aos aparelhos de Estado, ou mesmo testemunhar contra fazendeiros e pistoleiros responsáveis pelos atos de violência, além de criar os filhos e ser responsável pela alimentação e pelos remédios, dentre outros afazeres, para o marido no imóvel em questão. (PEREIRA, 2017, p.38-39).



Ou seja, é preciso reconhecer a especificidade da mulher na luta. Ela quase sempre esteve envolvida diretamente nas disputas por terra, mesmo que não estivesse presente na área litigiosa, até porque a luta pela terra se dá em muitos espaços. Não podemos pensar os conflitos agrários, segundo o pesquisador, só pelo os espaços litigiosos. As mulheres participam efetivamente de outras áreas de conflitos, como por exemplo a proteção da família, o cuidado com os utensílios doméstico e as ferramentas de trabalho, a participação em espaços de denúncias dessas violências e a organização da alimentação da família.

No Entanto, é perceptível que as mulheres estavam atuando para além desses espaços litigiosos, como afirma a Dona Antônia, moradora do Assentamento Palmares II:

Participei de muitas greves em Marabá, no 100 (cem) aquele conflito em Eldorado, eu não estava na hora, mas eu fui até lá naquele tempo, ainda tava saindo o primeiro dinheiro, nos viemos receber. Cada dia era um grupo de Pessoas que vinham e recebiam, no dia do conflito foi o nosso que era o grupo Real, porque o nome do nosso coordenador era Real, aí ele veio e trouxe o grupo dele, aí a noite nos soubemos. De manhã nós fomos lá pra olhar, vi tudo de perto. Vi muitas coisas, a morte do finado Fusquinha, a morte do finado Oziel, que inclusive o nome dessa rua aqui é em homenagem ao nome dele, eles tudo eu conheci. SILVA, (2015)

No trecho acima, ela enfatiza que esteve nos processos da luta por terra, como as greves que realizaram em Marabá, além disso, ela presenciou diversos conflitos agrários referente a violência contra as famílias Sem Terra. Que mexe inteiramente com seu psicológico, sem falar nos assassinatos de pessoas de sua própria comunidade, pessoas com quem conviveu na coletividade.

A organicidade do MST demonstra que a mulher visivelmente participa dos conflitos agrários. E o movimento começa a prezar pela a auto-organização das mulheres, sua participação nas diversas instâncias do MST se faz fundamental, e em ações auto organizativas do cotidiano: são os debates em seus núcleos de base, nas suas ruas, em rodas de conversas, debates com a comunidade. Esses diálogos também se dar acerca do debate da saúde, como a mulher pode cuidar do seu corpo e se conhecer para se prevenir das diversas doenças.

No 4º Encontro Nacional do MST, é tirado algumas deliberações onde a organização das mulheres e jovens seriam prioridade em todos os níveis dos assentamentos.

“Em seu documento ‘A Reforma Agrária Necessária’, o Movimento coloca como princípio fundamental contribuir para criar condições objetivas de participação

igualitária da mulher na sociedade, garantindo-lhes direitos iguais.” (MORISSAWA, 2001, p. 211)

Foi com essa finalidade que as mulheres Sem Terra de todo o Brasil, se reúnem em períodos tanto a nível nacional, estadual, regional e dentro de suas áreas, para discutirem assuntos sobre como enfrentar as diversas versões do patriarcado, sejam em que contexto foram: família, trabalho, nas relações sindicais. Dentre esses espaços discutiu-se principalmente o papel da mulher, sobre as desigualdades e diversas violências que sofrem no cotidiano, desde a sua casa até nas próprias bases, trabalho e entre outros. Discutindo também o papel da mulher na agricultura familiar, e a que níveis se podem avançar enquanto mulher trabalhadora e agricultora rural.

No estado do Pará, as mulheres começam a se organizar dentro dos acampamentos e assentamentos, com debates, rodas de conversas, e mais tarde as mulheres Sem Terra do Pará realizam o seu primeiro encontro a nível regional. Acontecendo em 1997, no Assentamento 17 de Abril, um encontro que durou cerca de três dias. Segundo R. Martins (2019), neste encontro buscaram discutir sobre as experiências de certa invisibilidade da mulher diante aos próprios companheiros, e sobre como a mulher sofre violência psicológica, verbal, moral. Outro ponto debatido foi sobre o próprio capitalismo de como agenciando a vidas das pessoas principalmente as mulheres afetando-as negativamente, dizendo-lhes como deve ser e agir diante da sociedade afetando na própria relação com a família. Mas, elas se mobilizam ao provocarem ações e manifestarem seus desejos e seus anseios referente aos seus direitos e liberdade expressão.



**Figura 8:** Mulheres do Assentamento Palmares II no caminhão da comunidade, rumo ao Assentamento 17 de Abril. 1997.

**Fonte:** Rosângila Martins, cedida em 2019.

Na imagem acima temos um caminhão lotado com mulheres do Assentamento Palmares II, entre elas, algumas com seus filhos. Inclusive, podemos notar que há várias crianças no caminhão, é uma realidade que se perpassa até os dias de hoje, onde as mães não tem com quem deixar seus filhos quando vai trabalhar, estudar ou participar de encontros, e que por sua vez leva os filhos consigo ou deixa de ir para tal local porque não tem com quem deixá-los, nem com o próprio pai, que acha que a educação dos filhos é dever apenas da mulher. Outro ponto relevante da imagem está relacionado a uma ação pedagógica, proporcionada por estes debates. Nada melhor do que discutir as manifestações negativas do patriarcados diante das crianças, ou melhor, em espaços apropriados para elas (a ciranda infantil), sejam elas meninas ou meninos. É preciso desconstruir a naturalização da violência sobre a mulher desde cedo, começado pela a família, pela as crianças.

Quando as mulheres começam a ter compreensão de que o tempo é injusto na atuação das linhas de frente, constroem táticas para o exercício importante da sua atuação: ser mãe, mulher, companheira, agricultora, estudante, avó, educadora (tanto em casa como na escola). Ou seja, historicamente as mulheres vão construindo suas táticas de superação, táticas de luta e formação que foram propiciados pelo o MST. Elas superam toda forma de pressão que lhes é imposto para a não atuação e participação em determinados espaços, como o espaço da luta por seus direitos.

As mulheres têm trabalho dobrado, além de darem conta com o cuidado da família, ela trabalha fora e dentro de casa, ela cumpre vários papéis na sociedade. Ela aproveita ocasiões a partir do tempo para vencer a barreira e conciliar as suas tarefas para o seu próprio benefício. São trabalhos que a sociedade não conseguem perceber como táticas, a qual a mulher possui essa forma de conciliar tudo e ainda sim ela chega a ser desvalorizada por uma sociedade machista e preconceituosa, que por sua vez nega a existência da mulher como protagonista, e até mesmo ela não se vê como tal e se vê violentada por essa sociedade que a oprime. Contudo, elas exigem de muita determinação para “a própria participação em uma organização ou movimento social” como afirma Siliprandi (2009). Devido a empecilhos, de falta de apoio que a família muitas vezes não oferece, por serem mulheres. Entretanto, há a superação dessas situações, onde empoe sua autonomia que a sociedade lhes nega.

O tempo possui vários sentidos: tempo do capitalismo, tempo da roça, escola, família. E para as mulheres, elas conseguem fazer o seu tempo conversar, a vida nem sempre é doce ou tranquila, mas, elas procuram formas para desenvolver seus papéis. As mulheres conseguem ser mãe, estudante, agricultora, filha e entre outras. Elas vivem uma intensa conversa com vários tempos, conseguem fazer que o tempo se converse. Já o tempo do capitalismo, pouco tempo para uma quantidade de coisas, o tempo capitalista nos espreme e não se consegue desenvolver tudo que se precisa. Onde a *ordem de tempo* capitalista cria situações de riscos, quando se há um desenvolvimento crescente de temporalidade, riscos que podem vir como resultado negativo, de fracasso como enfatiza Brüseke (1996).

Automaticamente quando se fala de tempo, estamos falando também de espaço. Elas, pensam na possibilidade de desenvolver uma determinada tarefa dentro de um tempo e ocupam espaços específicos ao mesmo tempo, mesmo não sendo física, ou seja, simbólica, utilizando a tática da ocupação.

## **2.2 O tempo, as auto-organizações e a solidariedade como Táticas**

As mulheres desta pesquisa, optamos pelas as jovens, estudantes (que estão saindo do Ensino Médio, como o último ciclo do ensino básico e entrando nos estudos superior e/ou técnico) e agricultoras do Assentamento Palmares II, fazendo a conciliação do trabalho da produção de alimentos com os estudos, são elas: Vanessa Gonçalves; Rutieli dos Santos; Elyelma Conceição.

Aqui, trataremos sobre a história de vida de cada uma, sendo que dentro dessas histórias de vida encontraremos temas comum entre as três narrativas e que vai se interligando com

outros temas ao longo das narrativas, mas também como essas jovens utilizam das táticas para conciliar essas duas atividades.

### **Vanessa Gonçalves: Da terra à Territorialidade**

Vanessa Gonçalves de Oliveira nasceu na cidade de Parauapebas-PA, uma jovem de 18 anos, filha de assentados que migraram da região do nordeste, mais precisamente do estado do Maranhão. Os pais vieram em busca de condições melhores para a sua família, a procura de emprego em fazendas, especialmente para o homem. Entretanto, veio com o intuito e sonho de conseguir uma terra para produzir para si mesmo.

V. Gonçalves (2019) refere-se no início da narrativa sobre a chegada dos pais na região até estarem assentados.

Meus pais são de fora né, vieram pra cá a procura de trabalho. E a conquista da terra, aqui, foi bastante sofrida, meus pais particularmente sofreram bastante. Mas eu sei que foi com muita luta, conquista a gente conseguiu a nossa terra a alegria deles para a conquista da terra foi muito grande, porque não dependeria de mais ninguém, dali sairia o nosso sustento, pois durante toda a vida o pai sempre trabalhou em roça, trabalhando para fazendeiros, mas depois foi diferente.

O primeiro tema que podemos identificar na narrativa é o da migração – a saída dos pais de um território sem perspectivas de emprego, sofrendo com a falta de locais para trabalhar, para outro território com grandes extensões de terras e promessas de trabalho, entretanto, com condições análogas da escravidão, má alimentação, condições precárias de saúde e entre outros<sup>9</sup>. Mesmo com os pais trabalhando em fazendas, o sonho desde o início era sair da condição de empregado desta fazenda e conquistar a terra e nela poder trabalhar.

Percebe-se em questão, a construção do imaginário do campesinato, uma construção cultural a qual o sujeito vem imaginar sobre o campo que só é possível ter uma condição de vida razoável quando se há conquista da terra, como forma de saída da humilhação que sofreram durante o processo de condições análogas do trabalho escravo na fazenda ou em qualquer outro local em que trabalharam. Partindo daí percebemos que o sujeito quer e precisa do seu espaço de vida, ou seja, seu território camponês, onde “é o *lugar* ou os lugares onde uma enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua *existência*.” (FERNANDES, 2012, p.746). A

---

<sup>9</sup> Ressaltado no capítulo anterior, muitos homens vinham para o estado com o intuito de trabalhar em fazendas, mas se frustravam ao chegar na determinada fazenda.

qual essa diversidade cultural é a produção deste território camponês, que se faz como resistência da família, da comunidade, como bem sua forma de economia do local.

O simples acesso à terra, não significa ter terra, é preciso ter condições para nela poder trabalhar e produzir, condições que são deveres do estado. São essas condições que irão garantir que o agricultor consiga produzir bem, principalmente quando se trata de produzir sem agredir o meio ambiente. É a disponibilidade de produzir a partir do crédito liberado pelo o INCRA (sendo direito do agricultor e da agricultora, da família como o todo), para produzir ou criar o que bem lhes favorecem.

Do que seus pais contam, demorou um certo tempo para conseguir um trator para arar sua terra, e como precisavam cultivar logo para obterem a alimentação, foi preciso trabalhar com ferramentas que tinham e que naquele momento não seria tão apropriado com as tais ferramentas, pois o mato estava muito grande e o trabalho ficou mais dificultoso.

Segundo V. Gonçalves (2018)

Na primeira vez que o pai botou roça aqui ele já teve a perca do olho, por causa da broca né? Por causa dos equipamentos que não tinha. Foi plantando arroz, feijão, e com isso ele teve a perca do olho dele.

Vanessa relata o acidente se deu principalmente devido a não equipamentos apropriados para plantar a sua primeira roça, causando a perda de um dos olhos de seu pai. Sendo assim, percebe-se que há casos de acidentes no trabalho para o manejo e cultivo da terra. Com este fato só afirma que para além do acesso à terra é preciso as condições para nela poder trabalhar. Pois só se tem uma noção de territorialidade quando se tem uma noção digna de camponesa

A primeira produção que Vanessa teria o contato desde os seus cinco anos de idade foi com a mandioca, ao ir observando seus pais cultivando. Assim que começaram a produzir alimentos, seus pais levavam os produtos para feira para fins de comercialização. E ela sempre os acompanhando, aprendendo a cultivar, plantar, cuidar e a trabalhar na feira. Vanessa iniciou seus trabalhos na roça com sua família e de forma coletiva, plantando especialmente verduras, e hortaliças, enquanto seu pai ficava na produção de mandioca, para vender na Feira de Parauapebas. Hoje apenas seu pai vai para roça, e ela vai para feira com sua mãe, para a venda dos produtos.

Neste momento começamos a perceber a organização e metodologia da agricultura familiar, a qual a família toda começa fazer parte do trabalho na roça, seja ela qual a função esteja ligada diretamente. Onde, o pai, mãe e filha se interagem e trabalham em função do seu

sustento. É a ação pedagógica do cuidado com a terra, onde a família estão todos ligados a um propósito, mas com o manejo apropriado para o cuidado da terra.

Segundo a Vanessa (2018) em sua entrevista:

Eu acho isso muito importante, e principalmente porque a gente não mexe com agrotóxicos, a gente sempre, procura meios de mexer com adubos orgânicos, do que a gente pode é, pode colocar mesmo. Tipo, o cocô de gado, que a gente sempre usa também, que é adubo né. E a gente não gosta de tá mexendo com veneno pra matar capim não. Mesmo dando um pouco de trabalho, mas é melhor.

Na citação da entrevistada a Vanessa afirma que não há necessidade de produzir com o uso de agrotóxicos, mas pelo contrário, o que utilizam para adubar a terra fazendo com seus produtos nasçam e cresçam é tudo de forma orgânica, o estrume do próprio lote. Ela afirma, que a forma do manejo da terra e todo o seu procedimento de produção até a comercialização é realizado de forma agroecológica.

A questão que Vanessa coloca que, o importante é produzir sem o uso de venenos, de insumos químicos, pois sabe o quanto se é prejudicial, ela percebe que para o capitalismo ou melhor, para o agronegócio o importante é a produção em grande escala em tempo mais curto, sendo necessário o uso de adubos químicos para o crescimento rápido. Percebe-se o que importa na produção do modo capitalista é o quantitativo e não o qualitativo. Já que para produção realizada pelos pequenos agricultores o que importa é a qualidade do produto, assim como a V. Gonçalves (2018) acredita.

É, eu pagava sempre uma colega minha para ficar me ajudando, e até hoje eu pago essa colega minha pra tá me ajudando né? Pra não atrapalhar. Ela também estudava, porém ela estudava a noite no tempo em que eu estudava de tarde, porque a feira funciona até umas cinco da tarde, e no sábado só é até meio dia.

A primeira tática que podemos observar, foi a forma que a Vanessa achou para não ficar tão pesado para ela, ela colocou uma outra jovem estudante para lhe ajudar durante a semana quando estudava no período da tarde, quando começou a estudar no período da noite ainda sim precisou da ajuda da sua colega Michele, principalmente aos sábados, enquanto fazia cursinho preparatório para o Enem, e para a mãe de Vanessa não ficar só na feira quando ia. É a inclusão do companheirismo da solidariedade, pois para além de não perder seus clientes aos sábados

devido ao cursinho, um estudo adicional, ela também possibilita uma renda para essa outra jovem. Uma solidariedade que não se encontra no mundo do capital, mas sim no campesinato.

Para V. Gonçalves, (2018)

Sempre a feira que a gente mexe é terça, quarta, sexta e sábado. Aí pra facilitar os estudos, tentar não atrapalhar de uma certa forma, aí eu decidi vender só na sexta e no sábado. Olha e na sexta ficava mais corrido pra mim, eu trabalhava de quatro da manhã aí, até as dez<sup>10</sup>. Porque o horário que eu estudava era de onze e meia as três e meia. Aí eu terminava lá na feira as dez horas e dava tempo de ir pra escola não atrapalhava.

Sabendo que não poderia parar com os estudos, antes que era necessário ir para a feira quase todos os dias: terça, quarta, sexta e sábado, tendo que estar na feira às quatro da manhã e algumas vezes sua colega não poderia lhe ajudar todas as vezes na feira. Ela resolve vender apenas na sexta e no sábado, como uma forma de conciliar o trabalho e os estudos. Daí podemos tirar a segunda tática que a jovem utiliza para não deixar de trabalhar e nem de estudar. Ela se utiliza do tempo e das práticas cotidianas obtendo desta tática para a conciliação das atividades, (CERTEAU, 1980). Ou seja, há uma reorientação do tempo da roça e da feira, com o tempo da escola. Ou seja, aqui ela repensou o espaço de atuação e tempo de atuação dela.

V. Gonçalves, (2018) relata.

Porém, neste último ano que eu prestei o Enem, eu tive que mudar para noite para não atrapalhar tanto o meu estudo. Aí ficou legal para estudar e a feira não atrapalhou em nada.

A terceira e última tática que Vanessa utiliza, é começar a estudar no período da noite. A qual facilitaria o horário dos estudos e o trabalho, tática que se tornou possível devido o ensino ser ofertado no turno da noite<sup>11</sup>. Vale ressaltar que para a Vanessa disponibilizar desta tática teve toda uma luta, todo um debate na comunidade para que chegasse a ter o ensino noturno. Pois inicialmente (no ano de 2005) apenas havia almejado o ensino do turno da tarde sendo ele modular. E um ano depois se tem a conquista do ensino noturno

---

<sup>10</sup> Após a entrevista perguntei o porquê das sextas-feiras ficarem mais pesado para ela, Vanessa afirma que é o dia que inicia o maior fluxo de clientes na feira. Sendo que é um dia na semana que ela ainda estuda.

<sup>11</sup> As famílias do Assentamento Palmares II começaram a lutar pelo o Ensino Médio na comunidade, logo após perceberem que muitos alunos filhos dos assentados estariam indo para a cidade de Parauapebas, a fim de concluírem o ensino básico.



Ela percebe que produzirá melhor tanto estudando a noite quanto restando tempo para trabalhar durante o dia, tirando intervalos para o estudo, e para o descanso, visto que há dias que necessita acordar às três da manhã para a organização do produto que irá levar para feira. Pois a dinâmica do trabalho é chegar cedo no local de venda, para a clientela pegar os melhores produtos. A necessidade que Vanessa encontrou para mudança de horário de estudos, como a diminuição dos dias de trabalho e a ajudante na feira, veio depois que ela percebeu que estava acarretando exaustão em seu desempenho escolar.

Na narrativa da Vanessa vamos observar que suas táticas sempre estão em processo de adaptação e o diálogo com a vida, ou seja, as táticas não são artifícios que não estejam passíveis de modificação. Sendo assim, ela se vê que é preciso se reorganizar se utilizando principalmente do tempo para a continuação de suas tarefas. Percebe-se que a partir das obrigações da Vanessa em conciliar o estudo e o trabalho, as suas táticas também vão mudando e se adaptando de acordo com a necessidade.

A própria Escola do Ensino Médio, fruto de uma conquista pela terra, fruto de uma ação do movimento social, mas também da luta dos estudantes que necessitavam de uma educação regular, necessitavam de uma escola que não fosse apenas anexo de uma outra escola, vem sofrendo com o desafio de não conseguir como Vanessa, construir táticas de conciliação dessa historicidade da luta pela terra com a grade curricular oficial. Com a conciliação da dinâmica do trabalho e estudo.

Vanessa sempre chegava cansada e atrasada na escola e alguns professores não entendiam o motivo do seu atraso em algumas aulas. Ela enfatiza que as aulas de certa forma poderiam ser algo mais em torno da sua realidade, valorizando o trabalho enquanto jovem agricultora. Ou seja, a escola não vem conseguindo criar táticas de conciliação do mundo do campesinato com esse mundo do currículo. Isso se dá devido à própria demanda da escola, e pelas próprias características que os alunos possuem, havendo uma quantidade de jovens que não somente do assentamento, mas são oriundos de outros lugares, são sujeitos também que não conheceram a realidade da comunidade. Como também, o próprio quadro de professores, em sua grande maioria é da cidade e muitos deles dificultam o processo da historicidade da comunidade.

Aqui já podemos iniciar uma análise sobre dois fatores bastante interessantes e pertinentes em questão: uma é sobre a dificuldade que os professores possuem de entender o atraso da aluna e o segundo é com relação aos conteúdos do ensino médio que não são voltados para a realidade do campo. Primeiro é que essa realidade da dificuldade do professor entender a aluna e seu

atraso que por sua vez isso se torna mais alarmante quando o professor não se propõe a conhecer a história dos seus alunos e/ou por serem da cidade. Analisando esse fator o que propomos é o diálogo com toda a comunidade escolar e a comunidade onde possui a escola a discutirem em relação a essa dificuldade de conhecer a realidade e discutirem sobre. O segundo que mesmo que o MEC (Ministério da Educação) reconheça em que a educação no campo deve ser diferenciado, uma educação própria do campo e que nos é garantido por lei, ainda assim não o vemos com tanto destaque nas escolas do campo, imagine na educação do ensino médio em especial ao que diz respeito ao material didático que não é voltado para o campo e os que tem já é defasado. É necessário tratar de temáticas que converse com a atuação de jovens como a Vanessa enquanto agricultores, trabalhadores do campo. A partir daí, podemos ver diversos fatores que não contribuí para uma boa educação dos jovens.

A jovem diz que os desafios de se trabalhar na feira nos dias de hoje têm aumentado, principalmente com a mudança da Feira do Produtor, que antes era no centro da cidade e hoje funciona em um local não tão localizado, mas com uma estrutura e qualidade melhor que antes, lembrando também, que após essa mudança da feira, outras feiras foram criadas em outros bairros, e caminhões de fora com algumas produções passam nas ruas da cidade de Parauapebas, facilitando a vida dos compradores/clientes, mas dificultando na economia destes feirantes.



**Figura 9:** Vanessa na Feira do Produtor de Parauapebas

**Fonte:** Vanessa Gonçalves, 2018

Na imagem acima vemos a Vanessa atendendo um cliente, observa-se que há uma certa produção de hortaliças, feijão, banana e entre outros. Produtos, cultivados por ela e sua família (exceto o tomate que eles compram para revender). Pergunto a ela o porquê de trabalhar na

feira, ela relata que é pelo o gostar de vender aquilo que produz com a sua família, de dialogar com os clientes sobre a qualidade dos seus produtos e deles sempre voltarem para comprar novamente. Sem falar que ela não sente vergonha, por ser um trabalho digno, pois é com o dinheiro da feira que paga o seu cursinho e a ajudante que trabalha com ela. Ela cita e enfatiza que a maioria das pessoas que trabalham na feira são as mulheres, que as mulheres têm o empoderamento na produção, mas também na venda dos produtos para o sustento de suas famílias.

Bom, é eu tô em mente em medicina veterinária, porque como eu já cresci na roça, eu morei na roça e até hoje eu vivo na roça, vivo disso, e eu obtenho a medicina veterinária por conta disso, porque me deixa mais próxima dos animais da natureza, que me deixa mais próxima da roça, da produção. GONÇALVES, (2018)

E por fim, vemos a perspectiva de futuro que Vanessa almeja. Ela ver no curso de medicina veterinária a possibilidade de poder dialogar com que ela já faz. Ela não abre mão do que ela faz, mas ao contrário, ela quer utilizar a experiência que ela usa no trabalho no campo com uma atuação profissional. Mesmo que as oportunidades para cursar a medicina veterinária sejam poucas e possa cursar em outra área, ainda sim ela afirma que não parará com a sua produção e comercialização na feira do produtor de Parauapebas.

### **Rutieli dos Santos: Reforma agrária e vivências com o MST**

Rutieli dos Santos tem 19 anos, mora no Assentamento Palmares II desde quando nasceu (nascendo na cidade de Parauapebas), filha de assentados e militantes na época. Seus pais que migraram para essa região de Parauapebas ao ouvirem que tinha um movimento em busca de terras. Ela reconhece o esforço que seus pais fizeram para estar no assentamento e conquistarem um pedaço de chão para o cultivo de produtos. O que ela sempre achou bonito e lhe chama atenção é que a comunidade de início não esperou acontecer algo, mas pelo contrário, as famílias iam atrás do que queriam e assim ela seguiu os passos de sua família e de tantos outros, não esperou acontecer algo bom, mas sim foi atrás.

Para R. Santos, (2018)

Olha, eu aprendi a lutar mesmo foi vendo toda a luta dos meus pais, foi através dessas histórias, do que vi e da minha vida mesmo, que aprendi a lutar, eu não precisei ter vergonha de onde veio as minhas origens. Porque foi através da Reforma Agrária que

minha mãe tem uma terra para trabalhar e ir pra feira. Foi através do MST que hoje nós temos a farinheira para trabalhar, produzir e vender nos comércios e feiras.

Rutieli é bem feliz quando fala sobre a mediação do MST, da presença do Movimento e da lógica dele na vida dela. Não é a terra por si, mas as experiências realizadas por elas, por várias vezes em seguida ela fala sobre como a família lutou para ter um pedaço de chão. É perceptível que a jovem fica feliz sobre as experiências realizada pela a família, como a montagem do acampamento, a construção da escola, as reuniões, divisões das tarefas nos núcleos. É aí que está a beleza da dinâmica organizada por estes sujeitos. Ela cita que toda essa conquista se deu através da organização do MST, com seus objetivos voltados na luta pela terra, tendo sua luta associada à Reforma Agrária, como também ao desenvolvimento do Brasil como afirma Fernandes (2012).

Segundo Bernardo Fernandes (2012, p. 498) em seu artigo sobre o Movimento do MST, ressalta que “As conquistas de frações do território do latifúndio e a sua transformação em assentamento acontecem pela a multiplicação de espaços de resistências e de *territórios camponeses*.” Ou seja, só foi possível travar lutas para conquistar a terra a partir dos mais diversos métodos que o MST realiza, como também no trabalho de base destas famílias, para chegar a ocupar e romper as cercas do latifúndio. Pois é a partir do trabalho de base que dar a garantia para aqueles sujeitos, para a família, que a melhor forma de garantir seus direitos é a partir da ocupação de terra. Criando assim, a resistência desses camponeses contra o latifúndio.

Sua infância é marcada por muitas memórias, uma delas seria a morte de seu pai que dificultou toda a questão do trabalho na roça. Na época como era muito pequena, ela ficou de plantar amendoim, enquanto seus irmãos mais velhos plantavam e lavavam a massa da mandioca, percebe-se também, que há uma ação pedagógica com o lote o envolvimento de toda a família, desenvolvendo a agricultura familiar. Onde a família dividia as tarefas entre si, sendo que o trabalho mais pesado ficava com os filhos mais velhos, enquanto o trabalho menos pesado ficava com os menores, especialmente as meninas. Ou seja, houve aqui uma diferenciação de gênero, considerando tanto os ciclos de vida, como o sistema de autoridade familiar. Neves, (2012).

Infelizmente essa dinâmica da agricultura familiar não se perdura até os dias de hoje. Todos os seus irmãos e irmãs pararam de trabalhar na roça, uns foram embora e outros apenas não desejaram trabalhar mais com a produção de alimentos. É importante enfatizar que a saída de seus irmãos e primos do trabalho com a produção da mandioca foi da responsabilidade deles próprios. Até porque na agricultura familiar “os trabalhadores familiares não podem (ou não

devem) ser peremptoriamente dispensados (tal como ocorre com o assalariamento da força de trabalho)”, (NEVES, 2012, p.35). Segundo a autora Neves, esses trabalhadores familiares não devem ser dispensados, exatamente porque são filhos ou agregados da família. No entanto são livres para decidirem se ficam ou se vão, porém, tanto a família como a escola precisam prepará-los para ambas as opções.

Segundo R. Santos (2018).

Aí, eu já com uns 12, 13 anos já tava maiorzinha né? Já alcançava aqueles tambor de 50 kg né? Aí eu comecei lavar, aprendi a descascar mandioca, aí aprendi a ralar e pronto, aí começou. Antigamente era bom em casa por que tinha muita gente né? Mais agora ficou tipo só eu e o meu primo aí, ficou pesado né? Aí fica difícil trabalhar, estudar e tem hora que até dá vontade de desistir, mas só que não, a gente tem que lutar, se eu já cresci aqui dentro sabendo que a luta né? que nada é fácil mesmo. E a gente tem que lutar até conquistar, e foi isso que aprendi aqui na comunidade. A lutar.

Fica claro que ela não está fazendo uma crítica ao fato de ter começado cedo no serviço pesado, mas ao fato de que precisou-se fazer parte deste contexto para ajudar a família. Não se trata de exploração infantil, de trabalho infantil, mas como seus irmãos e parte dos seus primos saíram deixaram o trabalho na roça. Rutieli fala da dificuldade que ficou após seus irmãos saírem da roça, ficando apenas ela, sua mãe e seu primo. Sendo os únicos na família que também trabalham na farinha, e sua mãe vendendo os produtos derivados da mandioca sejam estes na feira, nos comerciais locais ou sob encomendas.

Ainda deste trecho, podemos tirar o quanto a renda da casa deve ter diminuído com a diminuição de membros da família no trabalho da roça e/ou farinha. Onde se percebe a responsabilidade destes que trabalham com a produção de alimentos sobre a família, visto que é onde sai a maior renda. Mesmo com esses desafios, Rutieli persiste na produção, por acreditar que só consegue o que se quer, a partir da luta do dia a dia.

Que minha mãe é presidente da cooperativa aí cai mais pra cima dela. Por isso a minha vida tá corrida desse jeito. Porque como ela é a presidente da cooperativa, ela só tem eu pra ajudar e o meu primo. Aí eu comecei a trabalhar lá já na parte de administração, aí tudo que saía, que entrava eu tinha que anotar. SANTOS, (2018).

Além do mais, Rutiele ressalta que a mãe é presidente da Cooperativa, o que já demonstra a ocupação de mulheres dos espaços que anteriormente eram direcionados apenas para o homem. Para a jovem se dá um pouco mais de responsabilidade, por ter que fazer parte

da área administrativa, como ela mesmo coloca. Até porque a cooperativa possui o CNPJ registrado, passa por fiscalizações da ADEPARÁ mensalmente e necessita prestar contas devido o projeto aprovado para que houvesse a construção da farinha e com os maquinários essenciais para a produção, como também necessita fiscalizar como é o processo de cada produto<sup>12</sup>. Percebe-se que além da Rutieli ter o seu tempo com a produção da mandioca, ela ainda tem o tempo para resolver as questões administrativas da cooperativa.

Segundo Rutieli, é muito trabalhoso a atividade que ela exerce na farinha porque requer muito esforço, um trabalho que precisa ser realizado todos os dias para não perder a produção da mandioca para a tapioca e farinha. Ela que chegou a trabalhar todos os dias na farinha, estudando todos os dias e aos sábados fazendo curso em Parauapebas, uma jornada exaustiva. E além de cumprir seu trabalho com a produção da mandioca, recai sobre ela a jornada de fazer parte da administração da farinha.

Rutieli relata que por muitas vezes chegou atrasada na escola, e os professores em sua maior parte não entendiam a sua condição como jovem trabalhadora. Percebe-se aí que os professores precisam está cada vez mais inseridos nas realidade dos alunos, e entenderem o que vivem, e criar tipos de estratégias para essa conversa do trabalho desta jovem com a educação. Principalmente quando se diz respeita, a preparação da juventude para a vida e para a realidade que lhes acercam. Visto que é uma jovem saindo do ensino médio, que precisa de mais mediações sobre essa relação do estudo com o trabalho.

Para não ficar prejudicada na escola ela pensou em até desistir do trabalho, mas ela entendia que sua mãe precisava da ajuda dela para tocar os processos na farinha. E a partir daí pensou em duas táticas: a mudança de horário dos estudos, quanto a diminuição da carga horária de trabalho, por acreditar que os estudo se fazia importante como também o trabalho na farinha, pois é através do trabalho que paga seu curso e garante o sustento na casa juntamente com a sua mãe e seu primo.

R. Santos, (2018) afirma que:

Antes eu estudava de tarde, e depois tive que passar pra noite pra ficar melhor e agora fazendo curso no sábado de manhã, aí eu deixei de trabalhar no sábado pela manhã. Como agora minhas aulas estão acabando eu faço o curso e todas as noites quando eu não estou muito cansada, eu assisto as vídeos aulas, que é de uma hora por aí. O curso

---

<sup>12</sup> A Rutieli afirma que a ADEPARÁ fiscaliza o processo das produções, como é o caso da farinha, onde se utilizava um tipo de tinta que não havia rotulo. Hoje eles produzem açafraão no lote, faz o processo de trituração do produto e armazenam para que possam utilizar outras vezes. Percebe-se que todo o processo da produção da farinha, também é feito de forma agroecológica.

que faço, foi é de edificações, porque desde criança eu gostava de construir casas, fazia plantas de casas. E eu pensei que esse curso foi feito pra mim mesmo, porque é presencial apenas nos sábados e o restante dos dias é para assistir as vídeos aulas, até porque eu moro aqui na Palmares e é complicado ir todo dia. Esse foi o jeito de trabalhar e sem deixar de estudar. E se eu sair de casa a minha mãe ia ficar praticamente sozinha, porque meu primo as vezes não quer ir também, e ele também estuda.

No trecho da entrevista acima, podemos identificar algumas táticas. A jovem relata que antes estudava de tarde, e a primeira tática que a Rutieli utiliza para ter um tempo melhor tanto para o trabalho e o estudo, foi a mudança para o turno da noite. Após a mudança de turno para o estudo, a sua carga horária aumenta durante a semana, mas fica menos corrido de ter que trabalhar com calma, ficando até as 16:00 horas da tarde.

Sua segunda tática foi a diminuição da carga horária do seu trabalho aos finais de semana, principalmente no sábado, a qual, pela manhã vai até a cidade de Parauapebas para o curso de Edificações, entendendo que só foi possível cursar edificações porque as aulas presenciais é apenas no sábado, tendo que assistir vídeos aulas a noite ao chegar da escola para completar a carga horária do curso. Entretanto, quando chega em casa após o curso, ela ainda faz bolos para a sua mãe que vende na feira do produtor em Parauapebas, tendo o seu dia de descanso apenas no domingo.

São táticas que mexeram em relação ao tempo e a ao seu cotidiano fazendo haja mais tempo para o trabalho durante a semana, como também uma melhor conciliação para o seus estudos, tanto terminando o ensino médio, como no curso. Contudo, só se foi possível fazer essa conciliação com a compreensão e ajuda da sua mãe. E por optar a fazer o curso aos sábados tendo que assistir as vídeos aulas.

Pois, quando muitas (os) jovens ficam expostos a esta situação de conciliar ou dar prioridade para determinada tarefa, os pais decidem pelo o filho (a) a sua desistência no trabalho, para dar continuidade e interesse a apenas aos estudos, e outros jovens apenas não querem trabalhar no que diz respeito a agricultura familiar, com o trabalho na roça, farinheira ou na feira. No entanto a jovem entende da necessidade da família sobre sua ajuda na renda familiar e até mesmo para não perder a produção da mandioca e não deixar sua mãe e seu primo sozinhos.

Eu sei que tem jovens que não quer trabalhar na agricultura pelo o capricho né? Porque tem dias que não é tudo que o teu pai pode te dar, meu primo mesmo tem raiva de ir pra farinha, porque quer sempre roupa nova, sapato e nem sempre é assim, é com o tempo. Só fala de arrumar emprego nas empresas aí e de gastar, mas não fala de estudar.

Na fala da Rutieli é perceptível a sua impressão sobre os jovens, em não querer trabalhar na agricultura. Essa impressão se dá a partir da visão de seu primo, o mesmo tem o imaginário de que um emprego é aquele visado apenas com salário de empresas, que na lógica capitalista o trabalho se dá apenas para o consumo, que por sua vez se apropria do tempo do sujeito que vende sua força de trabalho e no final “o salário ou remuneração recebida pelo trabalhador não contempla o tempo de trabalho excedente ao valor contratado” (FRIGOTTO e CIAVATTA, 2012, p. 751-752). Percebemos ainda, que o deslumbramento com as empresas é maior entre os homens.

Muitos jovens trabalham em empresas durante toda a semana para conseguir ter roupas, calçados e diversas formas de lazer. Necessidades que é o mesmo que seu primo deseja, necessidades que por sua vez, os pais agricultores não conseguem dar de imediato aos filhos como muitos jovens almejam, mesmo que para isso seja preciso trabalhar a mais do que se ganha. Frigotto e Ciavatta (2012).

Sobre a educação relacionada a realidade, ela relata que poucas vezes é conciliado, tanto com a teórica como com a prática. Ela enfatiza duas atividades que puderam vivenciá-las durante o Ensino Médio: construção da horta mandala dentro da escola, e aula prática no IALA Amazônico<sup>13</sup>. Segundo a Rutieli:

Sim. Teve mais ou menos umas duas vezes que foi feito a aula prática, a gente já fez a construção de uma horta que é chamada de mandala, foi ao lado do pátio lá da escola, e no IALA a gente fez várias coisas, a gente foi lá pra horta, mexemos com o jardim, com as mudas, a pocilga, acho que é esse o nome. E cada um fez uma coisa diferente. Pra lá foi um grupo de professores que levou a gente.

A construção da horta na escola já é uma prática, realizada e vivenciada desde a criação do prédio da escola do ensino fundamental, entretanto nos últimos tempos há uma dificuldade de mantê-la permanentemente, a construção da horta dentro da escola é realizada com os alunos

---

<sup>13</sup> Localizado no Assentamento Palmares II, o Instituto de Agroecologia Latino Americano Amazônico, que se insere na perspectiva desenhada pela a Via Campesina.



e o professor de uma determinada área (mais precisamente da área de ciências), é para além de fazer parte do currículo ou do PPP (Projeto Político Pedagógico), é vivenciar essa prática da construção da horta com os saberes culturais deste povo agricultor camponês. A ida ao IALA Amazônico, um grupo de professores se reuniram e levaram os alunos dos três anos do Ensino Médio, o objetivo deste trabalho seria um exercício de vivência do trabalho coletivo no espaço que também é coletivo tanto para trabalho como para o estudo.

Outro tema que identificamos na entrevista e que se faz comum com a entrevista da Vanessa, é as complicações do trabalho com a produção. Rutieli afirma que trabalhar pesado assim pode acontecer acidentes, acarretando um certo tipo de sequelas. Segundo a entrevistada:

Hoje tá tudo melhor, porque antes a farinha era lá no Zé praça né? E lá a gente fazia a puba era na prensa, perigoso, pesado demais oh. Já até aconteceu acidente na época, eu ainda era criança e me lembro do toco batendo na cabeça do homem que morava lá em casa, que o olho estufou pra fora, foi até a minha mãe que levou ele pra Belém. Então era tudo mais difícil né.

Percebe-se aqui, mais uma vítima de acidente no trabalho no campo, por não ter a ferramenta apropriada para se trabalhar com a produção da família. Entendemos aqui, que só é possível evitar acidentes quando se há condições apropriadas para os trabalhadores desenvolverem suas produções de alimentos, onde é preciso que se tenha cautelas ao desenvolver tais atividades.

Trabalhar na farinha tem as dificuldades também, quando a gente vai tirar tucupi mesmo, é só tirar o tucupi que tú já sai daquele jeito, o cheiro é tão forte que quando tú levanta tú fica tonta, o olho fica vermelho, vermelho e é aquela dor de cabeça. Porque é a manipueira da mandioca né? Ela mata. Aí por isso que tem que cozinhar, se beber, a mãe mesmo já chegou a matar um boi na farinha, ela tirou o tucupi né? Botou no tambor, o boi chegou e bebeu, morreu na mesma da hora. Pra tú ver o quanto que é forte. Então é prejudicial a saúde, porque com um tempo a gente cega, porque a manipueira da mandioca ela cega, a mãe mesmo, ela enxerga assim não sei nem como mesmo, porque a mãe tá ruim da vista.

Outra situação que percebemos aqui, são os problemas encontrados com relação a saúde. Segundo Rutieli, o problema de saúde de sua mãe se deu a partir do momento em que ficou muito exposta ao um líquido extraído da mandioca quando se é prensada para a produção de

farinha, denominado manipueira, a manipueira que acabou afetando a visão de sua mãe. Além de ser venenoso aos animais e para humanos por conter linamarina precursor ele também agride o meio ambiente quando se é despejado de forma inapropriada em céu aberto.

Entretanto, é possível se reaproveitar desse líquido, para fins de outros produtos alimentícios, como a própria jovem e sua mãe faz no processo da produção do Tucupi. Além do mais, o líquido da manipueira pode servir de alimento para o gado quando o líquido fica em repouso por determinado tempo em um tanque fechado longe de animais, assim como pode servir de combate e controle de pragas e doenças, e até mesmo serve como fonte de nutrientes em preparação do solo.

É interessante relatar que a partir de um produto apenas (como é o caso da mandioca) é possível fazer e comercializar seus derivados. Só aqui podemos perceber que o trabalho que a jovem exerce é em função da produção da farinha, da tapioca, do tucupi da goma, todos derivados da mandioca. E sempre se reaproveitando do mesmo, para não se desperdiçar, mas para aumentar a fonte de renda da família.

Levando-se em consideração todos esses aspectos, se faz necessário ainda tentar fazer uma compreensão das dificuldades e desafios que a Rutieli perpassa:

O desafio mesmo é de terminar o curso. Porque as vezes acabo não tendo uma relação maior com os colegas do curso, porque não querem fazer os trabalhos comigo, porque eu moro na Palmares, e dizem que é longe, porque eu também não tenho, é um computador né? Pra fazer os trabalhos. Mas ainda bem que a professora do curso entende que eu trabalho com a minha mãe. E eu sei que vou ter que sair pra fazer o estágio do meu curso, mas vou vim todos os finais de semanas para ajudar a mãe né? Mesmo que seja só sábado e domingo, para não parar a produção

Percebe-se que seu maior desafio é o término do curso. Com dificuldades de realizar seus trabalhos por não ter um computador, e dificuldades ainda para se relacionar com toda a turma, por morar em um assentamento que fica distante da cidade, onde se percebe que há um certo tipo de preconceito com a jovem em não querer fazer trabalhos com ela.

Além disso, têm-se a preocupação com a realização do estágio, que é preciso realizá-lo antes do término do curso, mesmo que para isso seja necessário passar uma temporada na cidade e indo para a casa apenas aos finais de semana, para ajudar a sua mãe e seu primo na farinha, ou seja, ela precisará fazer novas conciliações.

Por fim, ela coloca todo esse processo de luta que sua família passou, lhe motiva a continuar trabalhando e estudando, mesmo que para isso seja necessário mais táticas para desenvolver as suas tarefas, acreditando que é uma forma de ficar viva a identidade camponesa que possui, não tendo “caprichos” para o trabalho na farinha, mesmo sendo difícil, mas que é valoroso, por se ter autonomia sobre o trabalho que exerce.

### **Elyelma da Conceição: Uma história corrida, na luta, brincando, defendendo sua bandeira**

Elyelma da Conceição tem 29 anos, é conhecida por Boneca<sup>14</sup>, filha de assentados agricultores. Sobre sua história de vida, conta que seus pais vieram de Curionópolis após a quebra da Serra Pelada, e entraram no MST através de seu tio.

Eu, meus pais moravam, bem lá daquele tempo do “Trinta”, Curionópolis né? Eles vêm vindo juntos com os acampados, ficou em Parauapebas, ficando em Parauapebas minha mãe trabalhava lavando roupa para as casas de família. Meu pai numa casa, chamada casa Goiás. E meu tio morava com eles e foi quem veio para os Sem Terra né? Quem veio pra, pra juntar com o pessoal, junto com a minha mãe. Meu pai ficava lá pra poder garantir o sustento dele no acampamento junto com a minha mãe.

No trecho da entrevista acima, percebemos dois pontos importantes: o primeiro é que as famílias utilizaram da sua força de trabalho para se sustentarem enquanto estavam acampados na cidade de Parauapebas, e o outro ponto é que a maior parte do tempo era sua mãe que ficava diretamente dentro do acampamento, segurando o cadastro da família, juntamente com seu irmão (tio de Elyelma), além disso, sua mãe fazia a jornada de ida e vinda do acampamento, seja ele onde estivesse localizado. Percebe-se que a partir daqui sua família começa a fazer um tipo de divisão familiar, tanto para ficar dentro do acampamento, como para garantir o sustento da família e a própria permanência ou a garantia do cadastro da família dentro do acampamento. Até porque Elyelma e seus irmãos ficavam na cidade estudando e só iam ao acampamento nas férias, ou feriados.

Sua infância é marcada pelas memórias de encanto, brincadeiras nas ruas do acampamento que depois passara para assentamento, as diversões nas grotas e entre outros. Segundo ela, ouvia histórias de como muitos vieram parar naquele local com a sua família.

---

<sup>14</sup> Segundo a entrevistada, seu apelido se deu pela aparência que tinha quando criança. Segundo ela, parecia uma boneca com poucos cabelos, pernas grossas e barriga grande.

Essas histórias eram relatadas em rodas de conversas em especial a noite, quando as famílias<sup>15</sup> se reuniam para assistir jornais e ou novelas, como também, era um momento que se reuniam para fazer reuniões.

Olha, eu, eu sempre fui uma criança muito ativa né? Então a partir dos meus 10 anos de idade eu comecei a ajudar meus pais. Aos 10 anos eu ajudava na cooperativa do meu assentamento, trabalhava de cobradora nas vans. Na época a gente ganhava doze reais pra passar o dia e eles pagavam o almoço da gente. Eu trabalhava e estudava né? Porque a gente trabalhava assim, a gente tinha o período que a gente trabalhava e eu estudava das três as sete. Então eu trabalhava até umas três, e depois ia pra escola, acabava a aula eu ia pra casa. Aí eu conciliava muito com os motoristas, porque todo mundo conhecido né?

Elyelma começa ajudar os pais na parte financeira desde cedo. Percebe-se que a iniciativa de querer fazer algo começa dela, por ter sido essa criança ativa. Daí podemos tirar a sua primeira tática, tática desenvolvida quando criança, a conciliação do trabalho na cooperativa do assentamento com o seus estudos, sendo que só foi possível pela a própria responsabilidade que os motoristas teriam com ela no seu período de trabalho até o horário de estar na sala de aula. Assim como a própria confiança que seus pais e ela depositavam nos motoristas, por serem todos conhecidos e todos moradores do assentamento.

A jovem relata que sua primeira participação e ida para a feira começa aos finais de semana. Nesse período ela já deixa de lado o trabalho na cooperativa e começa ajudar seus pais na feira.

Aí fui trabalhar na feira junto com minha mãe e o meu pai. Fui pra feira, a gente trabalhava na feira aos finais de semana, a gente tirava a semana pra tirar as coisas, confeccionar, tapioca como é nosso ramo de mandioca né? Da onde a gente tira os nossos alimentos. Aí foi a área que a gente mais usou, pra, porque a gente ia pra Parauapebas pra vender farinha, tapioca, puba. Aí eu ia mais ela aos finais de semana. Meio de semana a gente tirava e final de semana a gente ia vender

Ela e seus pais iam para feira aos finais de semana, e no meio da semana confeccionavam e preparavam os produtos para a comercialização. Possivelmente, pudera ter uma divisão de qual produto cada um iriam confeccionar e vender. Lembrando que o trabalho

---

<sup>15</sup> É importante ressaltar que as famílias reunidas a noite, geralmente eram as famílias de um Núcleo de Base, esse núcleo que se ajudavam durante todo o período de acampamento até chegar em assentamento.

que ela desenvolvia na roça se dava em sua maior parte em ocasião das férias. E no período das aulas confeccionava o que dava em casa mesmo, quando não estava estudando.

Ressalta-se ainda, que o trabalho que a Elyelma e seus irmãos exerciam na roça não era “uma coisa braçal, uma coisa pesada”, mas acabavam ajudando de certa maneira. Ou seja, teria o envolvimento dos filhos na produção dos alimentos, mas indiretamente. No entanto a família está ligada diretamente ao trabalho da agricultura familiar. Mesmo que seus irmãos não buscavam o interesse pelo o trabalho no campo, não se desafiavam a ir para feira ou roça constantemente como enfatiza a jovem em sua entrevista.

Mesmo que a produção e os derivados da mandioca principalmente a tapioca, garantisse o sustento da família, Elyelma destaca em sua entrevista que outros alimentos que eram produzidos: arroz, abobora, milho, feijão, hortaliças e temperos. Segundo ela, essa produção geralmente eram o que consumiam, até porque naquela época não tinha o hábito de comprar comidas industrializadas.

Depois de anos trabalhando na roça, seus pais decidem parar de vender na feira de Parauapebas e ter aquela rotina de ir para a roça durante toda a semana, devido ao cansaço e a falta de saúde.

Minha mãe chegou um período que adoeceu, ficou cansada de tanto ir, porque naquela época a gente acordava muito cedo pra sair. A gente saía duas horas, três horas daqui a gente sai no ônibus, que carregava o público daqui. Ali logo depois que a minha mãe cansou, a gente resolveu ir só eu né? A gente fazia, eu ia, trazia o dinheiro. Então eu passei eu ir sozinha.

Ela, acreditando que era preciso a continuação da produção de alimentos, como cultura e tradição da família como também para a valorização e defesa da bandeira do MST de alimentação saudável e soberania alimentar, ela se debruça de um tempo maior para trabalhar com os produtos derivados da mandioca. E começa a ir para feira sozinha comercializando os produtos garantindo o sustento da família todos os finais de semana. Hoje, seus pais não continuam trabalhando diretamente na feira ou farinheira, somente a venda de alguns temperos e verduras na porta de sua casa.

Dado a toda criação que a jovem teve em trabalhar com a agricultura, como forma de subsistência. Em nenhum momento pensou em desistir do estudo ou do trabalho, até porque dependia e ainda depende dos dois. Pois tudo se dava com a tática de conciliação entre dias e horários. Antes a sua conciliação do estudo com o trabalho se dava porque na época ia apenas

para a feira aos finais de semana. E durante a semana ela se organizava na confecção dos produtos durante o dia, e à noite ia para escola estudar.

Em 2009 foi quando eu tive o meu filho né? Eu trabalhei na feira até os meus sete meses de gravidez. Aí como foi cesáreo, eu resolvi parar. Parei e fiquei mais ou menos dois anos sem ir pra feira. Curtindo um pouco o meu filho, tinha trabalhado muito.

Sua rotina começa a mudar depois que passa a ser mãe, principalmente quando está perto de ganhar seu filho, e fica cerca de dois anos sem trabalhar na feira. Sua opção naquele momento era a necessidade de a mãe ter um tempo melhor com seu filho. Nessa época ela já havia concluído o ensino médio. Então sua atenção e tempo era total a criança, uma nova família que constitua com o seu companheiro.

Elyelma além de trabalhar na feira, e vivendo a experiência de ser mãe, de ter uma família, ela faz parte de grupos de cultura e esporte da comunidade desde a sua adolescência.

Danço quadrilha e jogo bola. A gente tem um time feminino aqui na Palmares, eu sou uma das organizadoras. Tanto na organização como também sou uma atleta e também na quadrilha ajudo em todos os aspectos e danço também todos os anos. Tudo questão de horários e dias, e meu filho comigo.

Ela começa a fazer estudos de qual seria as táticas e como desenvolveria para a realização de cada atividade. O treino às terças-feiras a partir das 16:00 horas no campo da comunidade e aos finais de semana no período das quadrilhas o grupo ensaiava na escola. Lembrando que ela só ensaiava após chegar da feira, pois havia toda uma compreensão para com os sujeitos que se dividia nas mais diversas atividades do cotidiano. Ela se auto organiza a partir da própria solidariedade de seus pais e de seu companheiro e dos grupos de dança e o esporte, como também a partir do momento em que essas atividades têm um cronograma de horários e dias de funcionamento.

No período de 2012 até início de 2015 ela é contratada como auxiliar administrativo da Escola Crescendo na Prática, no entanto, como o trabalho era só em um certo horário do dia, (das 8:00h às 14:00h) ela ainda tinha tempo de confeccionar sua produção da tapioca e levar para vender na feira aos sábados e domingos. Ou seja, aqui visualizamos sua tática de conciliação de horários no meio da semana para a confecção do produto e aos finais de semanas de 4:00h às 14:00h era exclusivo ao trabalho na feira.

Após sair do trabalho na escola, imediatamente Elyelma percebe que deveria voltar estudar, ela começa e conclui sua faculdade particular de Educação Física em Parauapebas aos finais de semana e durante a semana trabalhando na feira. Com dois anos na faculdade, em 2017 ela recebe a proposta de trabalhar como professora de Educação Física na Escola Oziel Alves Pereira, lá ela fica de 2017 até final de 2018 trabalhando como professora do ensino fundamental menor, continuando sempre com o trabalho na feira. Neste período percebemos que ela continuava estudando, trabalhava na escola, mas também na feira. Segundo Elyelma a tática utilizada foi: durante alguns dias da semana ela trabalhava na escola, por haver um cronograma de horários e sem falar que não era a única professora de educação física na escola, o que facilitava para não ficar tão corrido nas suas táticas, ocasionando dias vagos que daria para ela ir para feira e aos finais semana estudando.

Hoje eu sou formada em Educação Física, e fiz licenciatura em Ciência do Esporte, então eu conciliei tudo, graças a Deus consegui conciliar tudo. Quando eu ia pra faculdade, eu sempre tive apoio dos meus pais, do meu marido. Aí o meu filho ficava com meu marido e os meus pais.

Para a jovem, conseguir se formar em duas faculdades é uma conquista, tendo todo o apoio da família, de seus pais e esposo a criação do seu filho, fazendo a conciliação de tudo, essa tática foi a partir do companheirismo da família na ajuda da criação de seu filho, como na compreensão da diminuição da renda da família.



**Figura 10:** Elyelma na sua banca da Feira Livre de Palmares II – Joaquim Ribeiro dos Santos  
**Fonte:** Chocopeba, 2017

Na imagem acima Elyelma está em sua banca da Feira Livre de Palmares II, na comercialização da tapioca, o derivado da mandioca entre outros produtos. Hoje a jovem de 29 anos, mãe, formada, já trabalhou em quatro feiras, duas na cidade de Parauapebas, uma na Serra dos Carajás e na Feira Livre do Assentamento, trabalha na farinheira na produção dos alimentos e já chegou a trabalhar na escola Crescendo na Prática, como professora na sua área de formação, ela que já foi aluna da mesma escola. Além disso, ainda participa de grupos culturais e de lazer na área do esporte. Ressalva-se que a terra em que Elyelma cultiva a mandioca até nos dias de hoje, é de seus pais.

Em hipótese alguma, nenhuma dessas atividades foi motivo para pensar em desistir de alguma dessas atividades. Ela sendo muito ativa consegue e faz o possível para conciliar as suas tarefas. Seu trabalho na feira é prazeroso “Porque além da questão financeira, é uma coisa que eu gosto de fazer, eu gosto de tá com o público, eu gosto de lidar com eles, de conversar com eles.” Percebe-se que a feirante tem a sensibilidade do cuidado com os seus produtos para que o cliente retorne, á muito mais que uma conversa de um vendedor para o comprador, é um diálogo de sujeitos que dialogam sobre seu cotidiano, onde haja prazer de ouvir e ser ouvido.

E hoje, ela acredita que tudo é questão de saber conciliar as atividades, que não necessariamente é preciso deixar um trabalho para fazer outro, suas táticas são com atenção aos dias e horários tendo tempo específico para tudo, não deixando de lado o convívio com a família em especialmente o seu filho.

### **2.3 Principais temáticas encontradas nas entrevistas**

As três narrativas possuem pontos bastantes específicos de cada, mas também pontos bastantes parecidos. As jovens apresentam as perspectivas de continuar o trabalho na roça, na farinheira ou na feira assim como seus pais, uma tendo mais dificuldades do que as outras, mas nem por isso desistem daquilo querem e precisam, também continuam estudando, para lhes garantir um futuro melhor ainda.

Aqui percebemos a autonomia destas jovens quanto a produção de alimentos, é para além de subsistência, é questão da própria independência quanto a contribuição da renda familiar. Trabalhar na perspectiva da agricultura familiar é uma forma de resistência e continuidade da identidade camponesa destas trabalhadoras, uma produção de alimentação saudável. “É certo que é necessário, ainda, muito mais avanços para que a agricultura saudável



seja desenvolvida pela a maioria dos trabalhadores e trabalhadoras dos acampamento e assentamentos de Reforma Agraria.” (REVISTAS CULTIVARES, 2018, p. 5). No entanto é a partir de mulheres jovens como estas, que protagonizam a produção de alimentos na cidade e possivelmente no estado que se multiplica as práticas de produções agroecológicas, compartilhando suas experiências. Elas que possuem o prazer de produzir, comercializar e ver os seus clientes satisfeitos com o produto de boa qualidade.

As jovens relatam que não há vergonha em trabalhar na feira, na roça ou na farinheira, é um trabalho digno como qualquer outro, é cultural. Pois, seus ideais estão muito além, é sobre aquilo que se quer ter, é sobre a vontade de produzir sem deixar de lado as suas diversas tarefas como filha, mãe e estudante. Procurando nas mais diversas táticas a forma de conciliar as suas atividades. Pois se aproveita de ocasiões que estão lançadas a si, a favor dos seus benefícios. O que não se pode do exato momento, se vai construindo, constroem suas táticas a partir do tempo que se tem, sempre na pertinência. Certau (1980).

### 2.3.1 O trabalho na roça

Vanessa, Rutiele e Elyelma antes mesmo de trabalhar na feira e ou farinheira passaram pelo o trabalho na roça. Essa dinâmica é de prática para aqueles que começam a trabalhar com produção de alimentos. É onde começam a perceber a necessidade e importância de ajudar a família na produção de alimentos, como também a continuação de produzir e comercializar, quando seus pais já não podem como antes.

O trabalho na roça é uma prática pedagógica sobre o manejo da terra, e seus cuidados, onde as jovens aprendem desde cedo a importância e o significado que possui ao produzir alimentos saudáveis. É na roça que buscam e aprendem a trabalhar de forma coletiva, como também se entende a importância da divisão de tarefas, juntamente com a sua família tendo uma metodologia própria sobre a forma e como vão produzir determinado alimento. É a partir do trabalho no campo que elas começam a resistir e persistir na produção, mesmo que as condições iniciais não estariam lhe favorecendo.



**Figura 11:** Plantação de vinagreira no lote da família da Vanessa  
**Fonte:** Vanessa Gonçalves, 2019.

Na imagem acima vemos algumas jovens cuidando das plantações de vinagreira, conhecido também como cuxá, trabalhando também de forma coletiva. Percebe-se que ao seu redor há algumas matas, um solo que visivelmente possui nutrientes, por vermos que há outros tipos de vegetação entre as vinagreiras, e que por sua vez é totalmente diferente das plantações do agronegócio, com plantações em grande escala, deixando o solo pobre de nutrientes com a utilização de insumos químicos.

Dois aspectos comum entre as três, é que: todas começaram a estar com a família na roça muito novas, ajudando de forma que não necessitava de grande esforços, mas começando a partir de pequenas plantações; elas sendo filhas de assentados, vivem na área de reforma agrária, é a primeira área que tem o contato com a terra, a mesma que seus pais lutaram para conquistar esse pedaço de chão. Percebe-se que a valorização por essas terras possui um significado maior. São as terras que seus pais lutaram para produzir e conseguir garantir o alimento para o sustento da família.

### 2.3.2 A importância da farinheira e feira para produção e comercialização dos alimentos

Assim como na roça, a farinheira é o local de produção de alimentos. É neste local que se passa todo o processo da confecção dos derivados da mandioca, principalmente a farinha,

tapioca e o tucupi. Dali já as comercializam, como também saem para fora (comércios locais por exemplo).

A farinha é uma vivência do trabalho coletivo, principalmente se está ligada a alguma cooperativa, como é o caso de uma das farinhas<sup>16</sup> do Assentamento Palmares, onde agrega um conjunto de produtores da mandioca para realizarem o processo dos seus derivados. Em uma farinha como a cooperativa do Assentamento é necessário o uso das máquinas de forma coletiva, mesmo que a produção seja realizada e organizada de forma individual (ou seja, de um determinado sujeito ou família).

A partir do momento que se há uma cooperativa organizada no trabalho coletivamente dentro da comunidade, há grandes possibilidades de encomendas em grande escala. Chamando atenção aqueles produtos que possui a marca própria da cooperativa, indicando dia em que foi produzido até a sua data de validade, tendo a sua própria arte. O resultado que lhes propicia é a visibilidade, tanto para a cooperativa como para a farinha como um todo. Pois assim, outras encomendas e compras serão realizadas com frequência.

A Feira do Produtor de Parauapebas é para além de um local de compra e venda dos alimentos, é um momento em que as jovens feirantes se interagem com os clientes que vão até as suas bancas e compram seus produtos. Ou seja, a feira é também um espaço de relações sociais, de socialização de experiências vividas cotidianamente, é um espaço onde as feirantes se desafiam a ter um bom diálogo com o cliente, até mesmo falando sobre como seus alimentos são produzidos, visto que é sempre importante deixar claro/transparente sobre de que forma e como são produzidos os alimentos que chegam até a mesa do consumidor.

Os consumidores vão até a feira, porque sabem que em sua grande maioria há possibilidades da escolha do produto de suas mais variadas espécies e origem. Extamente porque é o local que os consumidores têm acesso a uma boa parte de alimentos produzidas de forma saudável, de forma agroecológica, e principalmente de baixo custo, que é totalmente ao contrário dos supermercados. A exemplo disso, temos a jovem Vanessa que leva os alimentos produzidos de forma agroecológica, que fez a escolha da não utilização de insumos químicos, mas adubos orgânicos, tanto para que saia um alimento saudável, como para que haja um bom solo para retornar e produzir naquele mesmo local.

Muito tem se falado sobre as dificuldades que houve após a mudança do local da feira, é possível perceber nas narrativas das três jovens que, após essa mudança houve problemas com

---

<sup>16</sup> O Assentamento Palmares possui três farinhas, sendo que uma é a cooperativa da comunidade e as outras duas são particulares.

relação a venda total da produção das jovens, ou seja, antigamente todos os produtos que eram confeccionados e levados a feira eram todos vendidos, em todos os dias que havia a comercialização na feira (geralmente de quinta-feira à domingo). Muitos feirantes deixaram de trabalhar na feira pela dificuldade que tem em não comercializar toda a sua produção e deixá-la perder.

Segundo as jovens, o motivo para a dificuldade da comercialização dos últimos ano, é que para além da mudança do local, a qual ficou distante do centro da cidade, muitos caminhões passam pela a cidade vendendo hortaliças e outras produções, fazendo com que o consumidor não vá até a feira como antes, porque assim há uma certa comodidade ao consumidor. E outras feiras e bancas foram criadas ao longo dos últimos anos por toda a cidade de Parauapebas, facilitando ao comprador.

No assentamento Palmares II, a Feira Livre foi uma grande conquista para muitos da comunidade, em especial aos feirantes. Cerca de 40 feirantes foram beneficiados com uma banca, para que pudessem vender seus produtos. Nesta feira todas as três jovens puderem desfrutar no que diz respeito a comercialização de alimentos para a própria comunidade, para aqueles que não produzem alimentos como as jovens. Nas narrativas as três jovens comemoraram com a criação da Feira Livre, no entanto lamentaram, pois a mesma não está funcionando a alguns meses. O motivo seria pela a própria falta de clientes que possam ir com frequência até a feira. Segundo elas a comunidade vai até a Feira Livre principalmente quando há eventos que mobilizam a população. Eventos Culturais.



**Figura 12:** Feira Livre de Palmares II – Entrada da Feira

**Fonte:** Chocopeba, 2017



**Figura 13:** Feira Livre de Palmares II - Comunidade reunida para inauguração e compra dos produtos

**Fonte:** Chocopeba, 2017

Na imagem acima temos duas fotos sobre a inauguração da Feira Livre de Palmares II, que tem como nome Joaquim Ribeiro dos Santos, como forma de homenagear um dos grandes

militantes do Movimento, ele que era assentado desta comunidade, mas que chegou a falecer alguns anos antes.

A Feira Livre de Palmares II, para além da comercialização de produtos veio com a perspectivas de momento de encontro com a comunidade, um momento cultural, com palco livre, exposições de livros e apresentações culturais. Práticas que inicialmente deram certo, mas que agora a ideia é a retomada da feira em dias específicos, mas também com estes momentos culturais.

Contudo, tanto na farinheira como na feira, as mulheres estão sendo protagonistas no que diz respeito a produção e comercialização de alimentos. São elas que em sua grande maioria trabalham durante a semana na farinheira ou na roça, para aos finais de semana acordarem as três da manhã, organizam a sua produção e comercializam na feira. Para elas, se faz necessário o bom produto, as promoções e o embelezamento da sua banca, para chamar atenção da clientela.

E para garantir a permanência destas jovens com os respectivos trabalhos, é preciso que haja incentivos tanto da parte da família, como da própria escola, como também é necessário que haja estímulos por parte da própria comunidade, com benefícios para o melhoramento de suas produções e de forma agroecológica.

### 2.3.3 O trabalho na ótica da juventude

Muitos jovens possui o imaginário que trabalho é aquele que é remunerado, visando apenas em trabalhar para grandes empresas e ou em locais comerciais que seja de carteira assinada. Essa situação tem-se elevado cada vez mais, como é o caso do Assentamento Palmares. Na maioria das vezes os jovens, desejam de imediato objetos materiais (roupas, calçados, celular, e entre outros) e para suprir essa necessidade procuram logo um emprego que seja remunerado.

Na região de Parauapebas muitos jovens possuem o desejo de trabalhar na empresa da Vale, por ser a empresa que emprega jovens partindo de uns seletivos chamado de Jovem Aprendiz, se o jovem passa em todas as etapas do seletivo ele já inicia o seu primeiro emprego remunerado na empresa. Com isso, muitos jovens acabam prestando esse seletivo.

Um dos mecanismos que a Vale possui para que o jovem possa empregar diretamente na empresa, são as passadas nas escolas informando sobre tal seletivo, realizando oficinas e palestras explicando como funciona o processo. A escola em si não barra estes tipos de ações, tanto por ser uma escola pública, como também pela a parceria que a Vale tem com a prefeitura, sendo que é o dever da empresa a passar pelas escolas como forma de propagandear a educação

ambiental, preservação do meio ambiente e oferecendo possibilidades a estes jovens a trabalhar na empresa. Dado a isto, a juventude se interessa pela proposta, mas tem a dificuldades de perceber o modelo de trabalho que estar exercendo, um trabalho que muito mais vende sua força de trabalho e pouco se recebe.

Segundo a autora Eliza Guaraná (2012, p.441), “a juventude do campo, é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade” que por sua vez, é a procura por emprego ou para dar continuidade aos estudos (principalmente o ensino fundamental e médio). Aqueles que migram do campo para a cidade a procura de emprego, são aqueles que não ver opções de empregos nas mais diversas áreas, até porque no assentamento não possui alternativas a mais para essa juventude.

É importante relatar, que essas jovens que aqui dialogamos em nenhum momento houve a saída delas para a cidade. Pois as mesmas, acreditavam e acreditam que é preciso permanecer no assentamento produzindo e depois comercializando, como também persistindo para a realização de cursinhos preparatórios para Enem, curso profissionalizante e cursos superiores.

Além do mais, desde cedo tiveram a concepção que o trabalho é tudo aquilo que exerce esforço seja ele qual for. Sendo assim, não tiveram problemas de suprir suas necessidades de imediato, com uma renda que fazia parte de toda a família.

Esses jovens se apresentam longe do isolamento, dialogam com o mundo globalizado e reafirmam sua identidade como trabalhadores, pequenos produtores familiares lutando por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos. Assim, jovem da roça, juventude camponesa, jovem agricultor familiar são categorias aglutinadoras de atuação política. (CASTRO, 2012, p.442)

É como a autora afirma, as jovens que permanecem no trabalho da roça, farinha e feira, estão ali para além de alcançar sua renda diária, mas é sua identidade colocada a posto. Não foi preciso se distanciar dos seus trabalhos envolvendo a agricultura para está conectados ao mundo globalizado, para dar continuidade aos estudos. Mas pelo contrário, elas acreditam que só fortalece o que preciso ser alcançado.

No caso do Assentamento Palmares, os jovens quando vão à procura de estudos é após o término do ensino médio: uma boa parte para cursos através do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), este oferece desde o ensino básico, técnico, superior até a pós-graduação ou pelo o PROCAMPO (Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo) e ainda tem alguns que vão para fora do país para

estudar medicina e muitos outros que ficam na cidade de Parauapebas para cursar uma faculdade.

É neste sentido que muito têm-se falado do trabalho como princípio educativo nas escolas do campo, de como se integra o trabalho e educação a partir da realidade desses jovens. Pegando base no livro Fundamentos da Escola do Trabalho, Pistrak (2000, p. 44) dirá que o trabalho não deve ser visto de forma abstrata sem ter uma ligação com a realidade atual, onde está o seu principal aspecto, ele precisa estar inserido na educação como um todo, ele dirá também que: “a questão sobre o trabalho na escola, como base da educação, deve ser colocada em ligação ao trabalho *social*, com a *produção real*, com a atividade concreta socialmente útil” Pistrak, (2018, p. 49). Ao contrário, o trabalho perderá o seu real significado, é preciso dar valor ao trabalho com ligação a realidade, partindo da educação escolar, visto que é o espaço onde os jovens iniciam sua formação humana.

Dado aos fatos, há uma grande necessidade da introdução e ou continuação da relação do *trabalho, agroecologia e estudo* nas escolas do campo, se tratando de materializar a concepção fundamentada da educação a partir do princípio educativo do trabalho, Caldart (2017). As escolas possuem uma necessidade de trabalhar com os alunos o termo trabalho a partir de sua realidade. Sendo que as escolas do campo sofrem diretamente com a dificuldade desta relação. Principalmente na modalidade do ensino médio, onde é preciso que o debate do trabalho na educação seja vinculado constantemente com o debate da agroecologia, como projeto da classe trabalhadora.

A agroecologia, como parte do projeto de classe dos trabalhadores, não existe sem os camponeses; estes, por sua vez, precisam de formação política e agroecológica para avançar em seu modo próprio de fazer agricultura. Por isso a educação das novas gerações, na escola e fora dela, é imprescindível ao avanço da agroecologia e das forças produtivas da agricultura, na direção de um desenvolvimento humano igualitário e efetivo sustentável. (CALDART, 2017, p. 9).

Ou seja, o debate da agroecologia deve estar associado a educação, tanto dentro da escola, como fora. Caldart afirma que é preciso a formação política agroecológica para as futuras gerações e como forma de avançar nesse debate, deve estar ligada diretamente na própria metodologia e dinâmica escolar, agregando valor científico e cultural. Para isto a educação, como anteriormente ressaltado, precisa fazer uma conciliação entre o mundo do currículo com a realidade atual.

O fato de algumas escolas esteja lidando com a ausência de práticas e teorias voltados a realidade, não significa que a escola não esteja tentando. É preciso condições, condições, que por sua vez é dever tanto da prefeitura como da secretaria de educação, em fazer formações permanente com o quadro da comunidade escolar, instrumentos pedagógicos e entre outros, sobre as referidas necessidades.

É com essa nova metodologia dentro da escola, e uma educação voltada para o trabalho como princípio educativo, que vai se reconectando com a própria identidade da escola.



### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo de compreender as análises das táticas das mulheres jovens, estudantes e agricultoras do Assentamento Palmares, no que diz respeito a conciliação de trabalho e estudo e de tantas outras tarefas realizadas por elas. Ou seja, a questão aqui não era trazer somente relatos da conciliação do trabalho e estudo, mas outras tantas conciliações de ser mãe, filha, companheira, estudante e agricultora e entre outras.

Nossa análise limitou-se as falas dessas mulheres, que moram e atuam no referido assentamento, como trabalhadoras do campo, agricultoras e feirantes. Isto não significa que não haja mais mulheres jovens que trabalham na roça, na feira ou farinheira e que ainda estudam. Sim, há uma quantidade de mulheres jovens que atuam neste processo e nas mais diversas categorias, seja com frequência ou não.

Estas análises nos possibilitaram resultados de como as jovens iniciam o seu processo de desenvolver suas táticas. E de como elas se movimentam a partir da sua determinada tarefa. Onde só foi possível devido as suas narrativas, suas histórias de vida iniciando pela a migração de seus pais a esta região do Pará.

Foi dentro desse contexto das vivências dos trabalhos no campo, que essas jovens descobrem as primeiras táticas de seus pais, o ato de decidirem os horários, os dias da ida para a roça e os dias da ida para farinheira ou feira, e até mesmo a própria divisão do trabalho. É com essa vivência, que as jovens possuem as suas primeiras experiências com a família, trabalhando na coletividade. Processo que se tornou fundamental para que hoje estivesse nos seus locais de trabalho. Ressalva-se, que essas táticas historicamente foram construídas por outras mulheres, que desde o início sempre procuraram métodos e formas para a mudança do seu dia a dia, para que pudessem ocupar, atuar e participar nas mais diversas questões que lhes interessavam.

Elas procuram formas, saídas para estarem em locais e horários diferentes, tudo para realizarem suas tarefas que para além de ser necessário é também sua escolha e prioridade. Percebem que a partir do momento em que criam suas táticas, as suas atividades ficam mais fácil de ser desenvolvidas, pois elas estabelecem seus horários no seu respectivo tempo e espaço, não deixando de realizar nenhuma atividade, mas tem a autonomia de limitar sim ou não o seu tempo.

A pesquisa final do Curso de Licenciatura em Educação do Campo se deu através dos últimos estágios, realizados no ensino médio, que teve como palavra-chave o TRABALHO, ou seja, o campo que iríamos trabalhar. Ainda no meu primeiro estágio no Ensino Médio, o de observação, percebi que alguns alunos chegam depois do horário de início da aula, e em sua grande maioria eram porque trabalhavam, as do sexo feminino que chegavam atrasadas era porque trabalhavam na feira ou farinha e em casa, e os do sexo masculino trabalham em comércios, nos lotes de seus pais e até mesmo em empresas.

No entanto, o que me chama atenção são aqueles que trabalha com agricultura, seja ela na produção de alimentos ou cuidando dos animais. Ainda nesse estágio tive a oportunidade de entrevistar certos alunos que trabalhava na roça e na feira, e perguntei sobre o grande desafio de trabalhar, estes relataram sobre a dificuldade que o professor tem de entender essa sua dinâmica, como também a dificuldade de relacionar os conteúdos com a realidade deles.

A partir desse estágio fui analisando esses fatores, e fui criando uma atenção em particular para as jovens que trabalhavam e não deixaram de estudar, e percebendo que no Assentamento que resido, em sua grande maioria quem trabalha com a produção de alimentos e comercialização são as mulheres.

A partir dessa pesquisa, das narrativas dessas jovens, fui analisando de como estava criando as minhas próprias táticas, de como fui iniciando a partir do momento em que iniciei o curso. Mesmo que as etapas já fossem estabelecidas pela própria faculdade, ainda sim, criei tempos e horários para desenvolver outras tarefas, para além de ser estudante, mas também militante. Ou seja, um militante não deixa de ser militante porque entrou na universidade, é aí que vamos desempenhando cada vez mais esse papel. Pois, ah algumas tarefas que vamos desenvolvendo no decorrer do curso, tanto nas etapas como nos tempos comunidade.

Nas etapas em sua grande maioria são tarefas direcionadas aos alunos que vivenciaram o espaço coletivo da Cabanagem, jovens do MST, jovens representantes do CAEC (Centro Acadêmico da Educação do Campo), e outros que entedia-se que ficar em um espaço como a Cabanagem seria melhor, principalmente para a própria realização de seus trabalhos acadêmicos. Uma das grandes tarefas direcionados a nós que fazíamos parte da coletividade da Cabanagem é a realização da Mística, em atividades programadas da FECAMPO (Faculdade de Educação do Campo) e fora delas, as ações e mobilizações organizada por movimentos e organizações da região.

Neste momento, percebi o quanto se fazia necessário a conciliação das tarefas para além do estudo, e das próprias tarefas que desenvolvemos dentro da vivência coletiva do espaço que é a cabanagem (tarefas de cuidados e embelezamento do espaço). Táticas de como conciliaria o estudo, tarefas na cabanagem e tarefas da prática militante. Duas etapas por ano, cada uma delas com dois meses, estudando o dia todo. Os horários que tirávamos para pensar a mística e outras tarefas, geralmente era o horário do almoço, a noite e principalmente aos finais de semanas. Eram os momentos que nos organizávamos coletivamente, seja ela qual tarefa for.

A coletividade dentro desses espaços se faz importante pelo o conjunto de ideias que pode aprimorar para realização da determinada atividade e ou tarefa, uma experiência que só é válida quando o sujeito se deixa levar para vivenciar essa experiência, um dos exercícios que para saberes e práticas de futuros educadores do campo se torna extremamente essencial. Pelo o potencial e o peso que essa palavra possui, ao fazer atividades em conjunto, unificando o trabalho.

Fora da universidade o tempo para a realização das atividades se estendia. Eu, sendo estudante, militante e filha, meu tempo se voltaria e se adequaria em torno do local em que eu me situaria, a minha comunidade. É neste momento que utilizo dos cronogramas para desenvolver os trabalhos acadêmicos, tática que me auxiliaria nos horários para desenvolver cada passo de cada atividade. Assim eu teria tempo para o trabalho acadêmico, para a família e para atividades respectivos da comunidade, tanto o que se ligava diretamente ao MST, como aqueles que desenvolvo na igreja católica da comunidade.

Mesmo que o tempo-comunidade seja para a pesquisa dos trabalhos acadêmicos, é nesse tempo que procuro conciliar as atividades e estudos, e que muitas vezes até se interligam como por exemplo, participar de uma roda de conversa com outras mulheres do MST sobre suas experiências como mulher militante feminista. É nesses espaços que a nossa visão sobre o assunto vai ampliando, para além do que eu possa perceber. Assim, acredito que a militância não pode ser separada dos estudos, pois é onde podemos encontrar embasamentos para a minha própria escrita, como foi o caso da construção do trabalho de conclusão de curso.

Assim como fui aprimorando minhas ideias e pensamentos sobre o assunto do campo de pesquisa, em espaços que é para além da universidade, em espaços de movimentos sociais, na base, com os sujeitos do meu assentamento, essas jovens também vão adquirindo conhecimentos no ato do seu trabalho no campo, farinheira e feira, conhecimentos que devem ser levados em consideração nos seus estudos, e em sua área que quer seguir. Como deve

acontecer na escola, onde o professor e todo o quadro escolar deve estar direcionando os jovens a valorizarem os trabalhos no campo, incentivando-os como forma de alternativo de trabalho.

Contudo, esta pesquisa me possibilitou fazer uma análise do próprio contexto histórico da comunidade por uma outra ótica, a partir das narrativas dessas jovens, a respeito do que suas famílias vivenciariam no início da luta da conquista pela terra. E que as próprias dificuldades do trabalho no campo podem vir devido à ausência de assistência e de condições cabíveis para estes trabalhadores, que sem os mesmos podem sofrer com acidentes no trabalho.

Portanto, não basta ter a terra, é preciso condições para nela trabalhar, não basta ter a produção, é preciso de locais para nela comercializar, não basta dizer que é preciso de alimentações saldáveis, é preciso que haja educadores sensíveis e que fazem a tentativa de compreender a realidade dessas e de outros jovens estudantes, trabalhadores, pais, mães, militantes para potencializando o trabalho como princípio educativo.

Por fim, espero que este trabalho alcance outras mulheres jovens, que possui dificuldades de conciliação, não como estudante e agricultora somente, mas como mãe e estudante, como mãe e militante, e nas mais diversas formas que elas podem alcançar. A partir das jovens trabalhadas aqui, percebemos que é possível sim, se organizar e exercer suas funções, basta criar as suas próprias táticas a partir das próprias disponibilidades, persistindo sempre.

## REFERÊNCIAS

Fontes orais:

CONCEIÇÃO, Elyelma. Entrevista Oral [gravada] realizada por Aline Silva e Silva. PA Palmares II, 21 Abril 2019. 39min.

FERRAZ, Maria. Entrevista Oral [gravada] realizada por Aline Silva e Silva. PA Palmares II, 03 Abril 2019. 54min

GONÇALVES, Vanessa. Entrevista Oral [gravada] realizada por Aline Silva e Silva. PA Palmares II, 26 Dezembro 2018. 32mim.

GONÇALVES, Vanessa. Entrevista Oral [gravada] realizada por Aline Silva e Silva. PA Palmares II, 25 Junho 2018. 20mim.

MARTINS, Rosângila. Entrevista Oral [gravada] realizada por Aline Silva e Silva. PA Palmares II, 22 Abril 2019. 20min

SANTOS, Rutieli. Entrevista Oral [gravada] realizada por Aline Silva e Silva. PA Palmares II, 11 Dezembro 2018. 50min

SILVA, Antônia. Entrevista Oral [gravada] realizada por Francisca Daniele B. Mota. PA Palmares II, 25 Maio 2015. 20min

Fontes Bibliográficas:

BRÜSEKE, Franz Josef. "Risco social, risco ambiental, risco individual." *Ambiente & sociedade*. PAPERS DO NAEA Nº 064 . Belém, 1996.

CALDART, R. PEREIRA, I. ALETEJANO, P. FRIGOTTO, G. *Dicionário da Educação do Campo*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli. *Educação no MST Memória*, 1ª Ed. Junho de 2017.

CALDART, Roseli. *Caminhos Para a Transformação da Escola – Trabalho, Agroecologia e Estudo nas Escolas do Campo*. 1ª Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2017.

CALDART, Roseli. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3ª. Ed. São Paulo, Expressão Popular, 2004.

CASTRO, Elisa G. *Dicionário da Educação do Campo. Juventude do Campo*. 1ª Ed. São Paulo, Expressão Popular. 2012.

CERTEAU. Michel. *A Artes de Fazer Invenção do Cotidiano*. 3ª Ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

CULTIVARES, Revista. *Experiências e Práticas nas Áreas de Reforma Agrária*. Max Editora, São Paulo, Fevereiro 2018.

FERNANDES, Bernardo M., *Dicionário da Educação do Campo. Acampamento*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERRAZ, Maria. *Memórias do EJA no Assentamento Palmares II*. Pará, Marabá, 2010.

FILHO, Antônio. *Dicionário da Educação do Campo. Despejos*. 1ª Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria. *Dicionário da Educação do Campo. Trabalho Como Princípio Educativo*. 1º. Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2012.

MORENO, Gláucia. *Ação Coletiva e Luta Pela Terra no Assentamento Palmares II, Pará*. Belém, 2011.

MORISSAWA, Mitsue. *A História da Luta pela Terra e o MST*. 1ª Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2001.

NEVES, Delma. *Dicionário da Educação do Campo. Agricultura Familiar*. 1ª Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2012.

PALMARES, Revista. *Especial 15 Anos*. Parauapebas, Palmares II. 2009.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método*. *Horizontes antropológicos*, n. 42, p. 377-391, 2014.

PEREIRA, Airton. *A participação das Mulheres Trabalhadoras Rurais na Luta pela Terra no Sul e Sudeste do Pará (1975-1990)*. 1ª. Ed. Paka-Tatu, Belém. 2017.

PISTRAK, M. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. 1ª. Ed. Expressão Popular, São Paulo. Março de 2018

PISTRAK, M. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. 3ª. Ed. Expressão Popular, São Paulo, Fevereiro de 2011.

PORTELLI, Alessandro et al. *Forma e Significação na História Oral: A Pesquisa Como um Experimento em Igualdade*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 14, 1997.

ROCHA, André. *O MST e a Luta Pela Terra no Pará*. 1ª Ed. iGuana, Marabá, 2015.

SILIPRANDI, Emma Cademartori. *Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar*. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 4, n. 3, 2009.

Sites Pesquisados:

<http://www.mst.org.br/quem-somos/>

<https://chocopeba.com.br/>

<https://www.cptnacional.org.br/index.php/downloads/category/3-cadernoconflitos>

<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1036715/a-manipueira-na-adubacao-da-mandioca>